



CASAL RESPONSÁVEL
PELA COMUNICAÇÃO

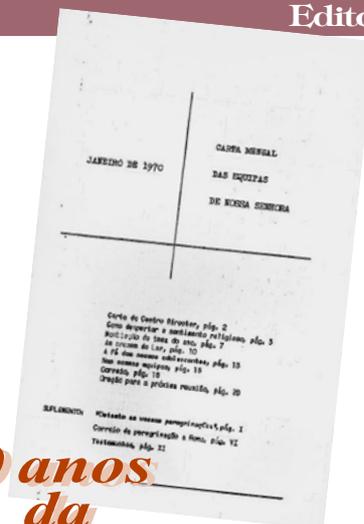
LENA E JORGE FONTAINHAS

No início da celebração do 60.º aniversário da CARTA, que decorrerá durante este ano, pergunto a mim mesmo que significado tem, afinal, para mim este acontecimento. Em primeiro lugar, sinto que é importante relembrar-me que tal documento existe. Que, sem ele, o nosso Movimento assim como é não teria passado dum boa intenção sem grandes resultados, arquivado a estas horas no “dossier” das inspirações já esquecidas. Depois, que esta é uma boa oportunidade para o tirar da prateleira, voltar a lê-lo e reflectir um pouquinho sobre um documento que causou o abanão que causou no meu matrimónio.

A CARTA é o documento base, o pilar escrito do nosso Movimento, a Boa Nova para o amor conjugal. Resultou da experiência dos primeiros casais, do trabalho do Padre Caffarel com esses casais e da acção do Espírito agindo nas pessoas devidas, na altura certa. Lida com cuidado, espanta a matéria nela contida e o espírito da matéria, pela sua actualidade. E também pela sua exigência.

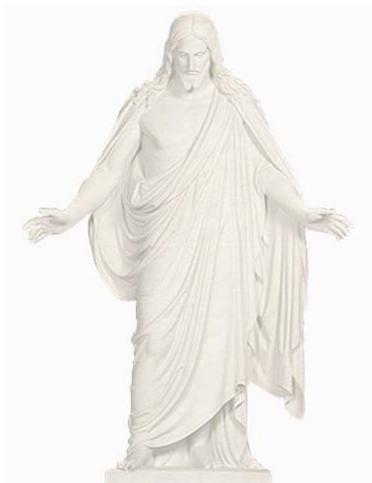
Há quem pense que a lei existe só para nos aborrecer e limitar. Mas a

**60 anos
da
Carta**



lei existe para nos proteger, individualmente, reftreando os nossos “acessos” e os comportamentos que nos podem prejudicar a nós e aos outros e ainda para proteger o grupo que, como cidadãos, formamos. É claro que a lei não agrada a toda a gente. A primeira reacção de muitos é iludi-la ou contorná-la, assumindo que são mais hábeis do que ela.

A CARTA, com o discurso de Chantilly que a complementa, é a regra do Movimento a que pertencemos. Propõe-nos um caminho de exigência que, também ele, é capaz de não agradar a todos os casais mas que não tem que ser fácil. Aceitámo-la em plena liberdade no dia em que resolvemos aderir ao Movimento. Onde foi que chegámos quando preferimos o fácil ao difícil, o banal ao especial, as águas calmas à resposta ao desafio de nos aventurarmos ao largo? Que medida usamos para nós mesmos? De que somos, afinal, capazes?



Quaresma

A vida meio desordenada com que temos que lidar apresenta-nos todas as desculpas possíveis e legítimas para nos conformarmos com a facilidade. A exigência, (penso eu nisso?) é condição do amor autêntico. Que espécie de amor temos ao nosso cônjuge, à nossa família, ao nosso próximo, ao nosso Deus? Um sentimento

bonito e morno destinado a uma vida efêmera ou aquele que é construído todos os dias sobre uma decisão exigente?

Talvez possamos aproveitar esta quadra Quaresmal para meditar mais seriamente sobre o assunto. Duma maneira geral e na melhor das intenções, gostamos de praticar, no tempo da Quaresma, pequenas ou não tão pequenas privações que nos dão boa consciência e mais nada. Não sejamos daqueles de quem dizia o Profeta Isaías: “este povo honra-me com os lábios mas o seu coração está longe de mim” (Mt 15, 8). Façamos, interiormente, uma leitura renovada desse caminho de amor exigente que foi a vida, a pregação e a morte do Senhor Jesus Cristo, oferecendo-Lhe o tempo e a abertura de coração necessários ao encontro profundo que Ele constantemente deseja ter conosco. Amor cuja exigência, aceite até às últimas consequências na Cruz, foi condição de Ressurreição e de Vida. Recusaremos a Ressurreição só porque o caminho é exigente?

Próximas Cartas

- **Maio/Junho 2007:** Publicação das Contas 2006, Fim do Ano Pastoral.
- **Setembro 2007:** Carta de início de ano do SR.
- **Novembro/Dezembro 2007:** Advento.



CONSELHEIRO ESPIRITUAL
DA SUPRA-REGIÃO

PADRE ANTÓNIO JANELA

Vocação Conversão Penitência

Como preparação para a Páscoa anual, a Igreja oferece-nos agora o tempo favorável da Quaresma, caminho de conversão que nos conduz ao sacramento da Penitência, principal meio para realizar na nossa vida a reconciliação com Deus, com o próximo e com a Igreja. Sabemos que, para acolher o Evangelho e entrar no Reino de Deus, é necessário arrepender-se e converter-se, tal como Pedro dizia ao povo, após a cura do aleijado à porta do Templo, em Jerusalém: *“arrependei-vos e convertei-vos para que os vossos pecados sejam apagados”* (Act 3,19).

A conversão — metanóia — é uma mudança profunda que atinge a nossa forma de pensar e de agir, os nossos critérios e atitudes. Não se trata apenas de uma transformação psicológica e terapêutica. É, antes, a resposta pessoal — e comunitária — ao apelo de Deus, à Aliança que Ele deseja estabelecer connosco; é acolher e aderir à vida nova que Deus nos oferece em Jesus Cristo, através do Espírito Santo que “transforma o coração dos fiéis e renova a face da terra”. Mas, para nos voltarmos para Deus e aderimos ao seu projecto de salvação, é necessário conhecer Deus

e a vocação que Ele nos dirige. A vocação cristã — o chamamento do Senhor — arranca da escuta atenta da sua Palavra. Aqui, porém, se situa a dificuldade de muitos de nós, tão dispersos que andamos na preocupação com o accidental, esquecendo o essencial...

Chamado a caminhar segundo o Espírito, no seguimento de Cristo, o cristão tem de avançar e distanciar-se cada vez mais das amarras do pecado e progredir na liberdade dos filhos de Deus: *“agora que estais libertos do pecado e vos tornastes servos de Deus, produzis frutos que levam à santificação, e o resultado é a vida eterna”* (Rm 6, 22). Assim, ajudado pelo Espírito Santo, o cristão entra no difícil caminho que conduz do pecado à santidade.

Mas, que é o pecado? O pecado é a nossa infidelidade à Aliança a que Deus nos chamou. A gravidade do pecado ecoa na consciência de quem sente o apelo de Deus à santidade.

No entanto, talvez não tenhamos consciência da gravidade do pecado porque não reconhecemos a digni-

dade e a responsabilidade da nossa vocação cristã. Por isso, ser tão importante reavivá-la nesta caminhada para a Páscoa, em que queremos renovar as promessas baptismais, preparando-nos pela escuta atenta da Palavra de Deus, que nos interpela fortemente; pela aplicação da multissecular pedagogia penitencial — “oração, jejum e esmola”; pela riqueza da liturgia que celebramos mais assiduamente.

Para entender a necessidade e a importância da conversão devemos, assim, partir da vocação cristã ligada ao Baptismo. É em confronto com o projecto que emana dos sacramentos da iniciação cristã — Baptismo, Confirmação, Eucaristia — e da concretização baptismal que é o vosso sacramento do Matrimónio, que se descobre mais facilmente as infidelidades e a necessidade de perdão e de conversão. O caminho da conversão conduz-nos ao sacramento da Penitência. Ele restabelece em nós a vida espiritual do Baptismo e conduz-nos a uma maior fidelidade ao projecto de Jesus Cristo. Hoje, face a uma certa tendência reducionista do sacramento da Penitência, é importante acentuarmos este aspecto positivo: a Penitência apresentada como um caminho que nos renova interiormente, em ordem a alcançarmos a plena estatura da vida cristã.

Certamente, não vos deixo surpreendidos se disser que o primeiro sacramento da penitência não é a “confissão”, mas sim o baptismo. Dizemo-lo no Credo: “*Professo um só baptismo para remissão dos pecados*”. Mas, para o cris-

tão mediano, o baptismo ainda é o sacramento das crianças. Não o entendem como o sacramento da “conversão”. Quantos cristãos têm a consciência viva de que, sendo baptizados, não podem viver como qualquer outro que o não seja? As pessoas ainda dizem: “fui baptizado”; e não propriamente: “sou baptizado”...

Como sublinhámos, a vocação à santidade mergulha as suas raízes no Baptismo e volta a ser proposta pelos vários sacramentos, sobretudo pelo da Eucaristia e pelo sacramento do Matrimónio que consagra o vosso amor conjugal. Revestidos de Jesus Cristo e impregnados do seu Espírito, os cristãos são “santos” e, por isso, habilitados e empenhados em manifestar a santidade do seu ser na santidade de todo o seu agir. Por isso, S. Paulo não se cansa de advertir todos os cristãos para que vivam “*como convém a santos*” (Ef 5,3). E é neste empenho por corresponder à santidade do Baptismo que tomamos consciência das nossas resistências e fragilidades e descobrimos a necessidade de lutar contra as forças do mal enraizadas no coração de todos. Corresponder ao chamamento de Deus, tornar-se discípulo de Jesus Cristo e viver segundo o Espírito Santo é um processo de transformação que exige esforço e dedicação ao longo de toda a vida.

O sacramento da Reconciliação, expressão da sacramentalidade salvífica da Igreja, é o principal meio para nos abrir à conversão e chegar à virtude da penitência. Como momento culminante de um processo que vai

amadurecendo gradual e progressivamente, o sacramento da Reconciliação pressupõe alguns passos prévios: a formação da consciência para reconhecer as infidelidades ao projecto de Deus; o arrependimento pelas faltas cometidas; e a vontade sincera de dar um rumo novo à existência, recebendo a força que vem da graça sacramental própria. O sacramento, como dom de Deus, carece assim de ser preparado por um itinerário pessoal de conversão e deve conduzir a uma vida mais fiel à santidade cristã. Aqui está uma dimensão fundamental do sacramento que se julga já adquirida. Na realidade, porém, não parece ter penetrado ainda suficientemente na mentalidade dos fiéis e na prática pastoral.

É impossível alcançar o perdão dos pecados só pelo rito, se não se alcança a penitência como atitude. Nesse sentido, não podemos entender e viver o sacramento como um momento isolado — a “confissão”. É igualmente importante preparar o “antes” e o “depois” do sacramento. *“O caminho de autêntica conversão, que compreende quer um aspecto ‘negativo’ com a libertação do pecado, quer um aspecto ‘positivo’ com a escolha do bem [...] é o contexto adequado para a descoberta e a intensa celebração*

do sacramento da Penitência no seu significado mais profundo” (Tertio millennio adveniente, 50). Na perspectiva bíblica e eclesial, a penitência adquire um sentido positivo e estimulante de passagem das trevas à luz. Renunciamos ao pecado para alcançar a liberdade de filhos de Deus. No entanto, tenhamos bem presente que esta passagem do pecado à santidade do Baptismo é custosa e exigente. Não se alcança sem sacrifício e esforço, “sem jejum e oração”, segundo a linguagem do Evangelho. O pecado é sempre uma tentação agradável a que estamos inclinados e apegados. Renunciar ao egoísmo, à vaidade, ao orgulho, ao domínio, à sensualidade desordenada, à mentira ou a outras inclinações pecaminosas para aderir ao projecto de Deus é empreender o difícil caminho para a liberdade, para a bondade e para a beleza.

Na caminhada para a Páscoa importa, pois, redescobrir a virtude e o sacramento da Penitência como elementos indispensáveis na nossa peregrinação em direcção à santidade, meta de toda a existência cristã.

Uma Santa Páscoa, preparada intensamente pela vivência quaresmal, são os meus votos fraternos.

60 anos da Carta Fundadora



**CASAL RESPONSÁVEL
SUPRA-REGIONAL**

ANA E VASCO VARELA

Esta é uma daquelas datas para as quais apenas uma comemoração sabe a pouco. A **CARTA FUNDADORA**, de 1947, foi de todas as intuições do Padre Caffarel, aquela que porventura mais impacte teve no Movimento e em todos nós que a aceitamos livremente e usamos para conduzir a nossa vida, a da nossa equipa e da nossa família.

E, à nossa escala humana, **60 anos** é um tempo enorme que não deve passar sem uma verdadeira tomada de consciência da sua singularidade e relevância.

Daí a vontade unânime da Equipa da Supra-Região para que o ano de **2007** seja repleto de comemorações a três níveis:

- i) **Actividades** dos Sectores, Regiões, Províncias e Nacionais, que se realizarão conforme programadas e evocarão esta data;*
- ii) **Reflexão** sobre o Discurso de Chantilly (proferido pelo Padre Caffarel em 1987 nos 40 anos da CARTA FUNDADORA) alargada a todos os equipistas conforme proposta lançada na Carta periódica do passado mês de Novembro; e*
- iii) **Abertura ao exterior**, através da organização, por cada Equipa, Sector, Região e Província, de pelo menos uma actividade inovadora.*

Mas, de todas as comemorações que possamos fazer, a oração é a que certamente mais tocará o coração do Padre Caffarel.

Por isso elaborámos e incluímos uma **Pagela** nesta Carta, com uma **oração** (cujo texto aqui reproduzimos) evocando a data dos 60 anos, que propomos para todas as reuniões de equipa durante **2007**.

Também incluímos o Cântico apresentado no Encontro Internacional de Lourdes elaborado com palavras do Padre Caffarel.

Cada equipa escolherá o melhor momento para a rezar a oração, dando graças pelo Padre Caffarel e pedindo pelo Movimento, para que continue a ser **fiel ao espírito fundador** e eficaz no estímulo às equipas e aos casais.

Cântico do Padre Caffarel

No Fundo do Meu Ser Raymond Fau

A *mf* Tu, que es-tas em mim, no fun-do do meu ser. *f*

B Que res-soe tu-a voz no fun-do do meu ser.

C *mf* Tu, que es-tas em mim, no fun-do do meu ser. *f*

Que res-soe tu-a voz no fun-do do meu ser.

Vou vi-ver tua a-le-gria no fun-do do meu ser.

A-ban-do-no-me a Ti no fun-do do meu ser.

2. Ó tu que estás em mim,

No fundo do meu ser.

Vou viver tua alegria

No fundo do meu ser.

3. Ó tu que estás em mim,

No fundo do meu ser.

Abandono-me a Ti,

No fundo do meu ser.

Nota: Podem sobrepor-se as melodias A, B e C.

* Na repetição, substituir o primeiro Do#m por Mi.

Oração

(Proposta para todas as reuniões de equipa durante 2007, evocando os 60 anos da CARTA FUNDADORA)

Deus, nosso Pai,
Tu que olhas para o nosso **casal** com ternura
e nos dás a alegria de estarmos juntos,
guia-nos nas tarefas que temos a desempenhar,
reforça a nossa disponibilidade aos outros,
mantém-nos verdadeiros, corajosos e fiéis ao Teu Espírito
para descobrirmos a Tua Vontade.

Deus, nosso Pai,
Tu que és Comunhão
e nos juntaste em **equipa** para nos entreatudarmos,
concede-nos a capacidade de aceitar as diferenças
e de respeitar e incentivar os dons de cada um.
Que o Teu Espírito permaneça connosco, Senhor,
e nos ilumine no testemunho e no serviço.

Deus, nosso Pai,
Tu que iluminaste o Padre Caffarel,
e nos deste há 60 anos a graça deste nosso **Movimento**,
ajuda-nos a ser fiéis a esse espírito fundador,
na criatividade e na exigência.
Ilumina-nos para que sejamos “fermento na massa”
e no mundo reflexos do Teu amor
através do Espírito Santo. Amén.

Carta de orientação das Equipas de Nossa Senhora



JOHN E ELAINE COGAVIN

O nosso recente encontro em Lourdes foi o 10.º Encontro Internacional do nosso Movimento. No fim de todos os encontros é proposta uma Orientação para o Movimento que apresenta as prioridades para os 6 anos seguintes.

«As “orientações”, para o conjunto dos equipistas, representam as prioridades do Movimento para os anos seguintes, propostas a partir da observação da realidade e das necessidades dos casais» (*Guia das Equipas de Nossa Senhora*, 2001).

A orientação

Para determinar a Orientação para 2006-2012, decidiu-se ouvir vozes do Movimento de todos os cantos do mundo, de forma a reflectirem realmente os sinais do nosso tempo e as actuais necessidades dos casais do Movimento.

No Outono de 2002, a Equipa Responsável Internacional propôs a todos os casais Regionais e Supra-Regionais do mundo inteiro que investigassem com as suas Equipas as ne-

cessidades do indivíduo, do casal, da Igreja e da sociedade nas suas regiões. Isto foi discutido, e as Equipas Regionais de todo o mundo responderam. As informações saídas das reacções constituíram a base de uma importante reunião em Roma em 2003. Aí a Equipa Responsável Internacional e os Casais Supra-Regionais com os Casais Regionais, os Conselheiros Espirituais e os responsáveis da Carta de todas as partes do mundo juntaram-se para discutir, rezar, ouvir e dar o seu conselho para a futura Orientação das Equipas de Nossa Senhora. Após cada sessão, as respostas dos grupos dos ateliers foram sintetizadas; vários dias depois, a direcção tornou-se clara, e construíram-se os pilares da Orientação.

Acreditamos verdadeiramente que este processo reflecte o trabalho do Espírito Santo que guiou o trabalho da Carta de Orientação que foi apresentada no fim do nosso encontro em Lourdes e que encorajamos todos os casais e todas as equipas do Movimento a estudar, meditar, rezar e depois agir. Durante o tempo que passámos em Roma, fomos

abençoados com uma audiência privada com o Papa João Paulo II, que nos apresentou a sua visão para as Equipas de Nossa Senhora e como devíamos orientar o nosso Movimento para o futuro. O seu conselho também está reflectido na Orientação.

O tema da Orientação é:

“Equipas de Nossa Senhora, comunidades de Casais, reflexo do amor de Deus”.

A Orientação convida cada um de nós a responder à exortação de Jesus:

“Amai-vos uns aos outros assim como Eu vos amei” (Jo 13, 34).

A mensagem de orientação

A Orientação é uma resposta oportuna às necessidades do nosso tempo.

Cada um de nós pode fazer dela uma base:

- Para uma renovação do matrimónio centrada no nosso sacramento do amor;
- Para uma nova compreensão da nossa Equipa como uma comunidade de Igreja de Fé, de Esperança e de Caridade;
- Para procurar atingir todos os casais com uma visão e uma linguagem que possam ser compreendidas por todos — uma linguagem de amor;
- Para abrir os nossos corações como o Papa João Paulo II nos convidava: *«Levai sempre convosco o testemunho da grandeza e da beleza do amor humano».*

Para cada um de nós, a Carta de Orientação apresentada em Lourdes contém o desafio, o convite e as orientações para construirmos o Reino de Deus no nosso próprio mundo. Encorajamos todos a ler esta Carta, individualmente, em casal e em equipa.

Esta Orientação é, além disso, confirmada pela primeira Encíclica do Papa Bento XVI, *Deus é Amor*, em que ele declara:

«O matrimónio baseado num amor exclusivo e definitivo torna-se o ícone do relacionamento de Deus com o seu povo e, vice-versa, o modo de Deus amar torna-se a medida do amor humano».

Para acompanhar a Orientação, desenvolveram-se temas de estudo específicos. O primeiro desses temas baseia-se nas conclusões dessa reunião em Roma em 2003, onde se considerou necessário clarificar e fortalecer a nossa própria compreensão da espiritualidade conjugal, do sacramento do matrimónio e do carisma das Equipas de Nossa Senhora.

Este tema de estudo:

“Espiritualidade conjugal e compromissos nas Equipas de Nossa Senhora”,

deverá estar já com cada equipa do mundo. Pensamos que deveria ser considerado por cada equipa como um apelo a cada um a envolver-se mais no serviço à Igreja, aos casais e, sobretudo, aos jovens.

Dado que é juntos que aprendemos como realizar a nossa missão, seguir-se-á outro tema de estudo:

“As Equipas de Nossa Senhora, um testemunho ao serviço dos casais”.

Esperamos e rezamos para que uma reflexão profunda sobre esta Carta de Orientação e a partilha com base

nos temas de estudo que a acompanham ajudem cada casal a progredir no seu caminho de santidade, recordando as palavras do Padre Caffarel:

«O objectivo essencial das Equipas de Nossa Senhora é ajudar os casais a procurar a santidade — nem mais, nem menos».

NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

Zona Europa Central

1 - Ao serviço de 1980 a 1993

Fomos sucessivamente responsáveis de sector, de região e depois de província. Que bela experiência que nos fez descobrir a riqueza do Movimento e a eficácia da sua organização, mas também:

- * A importância de amar a Igreja;
- * A importância da oração como fonte de toda a iniciativa;
- * A importância de sermos «servos inúteis»;
- * A importância do trabalho comunitário;
- * E, no fim, a obra do Senhor que tudo multiplica e tudo leva à perfeição.

2 - Participar na Obra do Senhor

O Padre Caffarel dizia que, de todas as iniciativas humanas, algumas de-



JENEVIÈVE E HERVÉ CORN

envolviam-se espontaneamente porque eram o resultado de um «carisma fundador» cujo único iniciador é Cristo.

Outras, apesar de um enorme dispêndio de energias, não tinham qualquer expansão por serem resultado de iniciativas humanas não enraizadas na vontade de Deus. «Se o empreendimento é dos homens, esta obra acabará por si própria; mas, se vem de Deus, não conseguireis destruí-los» (Act 5,38-39).

É este o nosso papel de «servos inúteis». É Ele, o Senhor, que mostra o caminho e que tudo realiza!

3 - Chamados de novo

Que alegria encontrarmo-nos de novo ao serviço do Movimento. Redescobrimos um Movimento que cresceu, aumentou e se internacionalizou.

O Encontro de Lourdes mostrou-nos a extraordinária vitalidade do Movimento, a sua capacidade de se adaptar mantendo-se fiel ao «Carisma Fundador».

Que alegria voltarmos a encontrar-nos numa equipa internacional que nos enriquece com as experiências vividas no mundo inteiro. Descobrimos também realidades de Igreja: Igreja minoritária, Igreja perseguida mas também Igreja radiosa.

4 - Líbano, um país na tormenta

O nosso pensamento vai, em primeiro lugar, para o Líbano. Este país tinha provado que é possível viver em harmonia entre comunidades de confissões diferentes. Hoje vive num estado de tensão permanente. Esta situação muito difícil compromete o seu futuro.

Com as Equipas de Nossa Senhora do Líbano, rezamos para que o seu país volte a encontrar a paz, para que volte a ser bom lá viver no respeito por todos.

5 - Países novos nas Equipas de Nossa Senhora

Os países da Europa de Leste abrem-se à União Europeia e também às ENS.

A Polónia está agora, e desde há cinco anos, bem representada no Movimento. O WE de 12/13 de Maio vai reunir os casais polacos para festejarem o 5.º aniversário do Movimento na Polónia.

Formaram-se equipas na Hungria e na Roménia. Estas equipas têm de se consolidar e organizar. Existem projectos também na Eslováquia, na Lituânia, na República Checa, na Bielorrússia...

As ilhas da África Oriental estão bem representadas através da Ilha Maurícia.

Estamos também em contacto com um casal de Madagáscar que anseia por formar uma primeira equipa.

Em toda a parte, nascem iniciativas... Em toda a parte, sente-se a necessidade de beneficiar da pedagogia das Equipas. É preciso tempo e perseverança, mas é sempre uma enorme expectativa.

6 - As Equipas da Europa Centro-Oeste

As preocupações são sensivelmente as mesmas nos países francófonos (França, Suíça, Luxemburgo, Bélgica) e nos países de língua alemã (Alemanha, Áustria...):

- * Como preservar a chama nas equipas existentes, como ajudá-las a perseverar no seu desejo de viver plenamente a Carta das Equipas;
- * Como acolher os casais jovens, muitas vezes tão diferentes. Uns desejam uma grande exigência. Outros

vivem à margem da Igreja mas sentem também a necessidade de ser ajudados na sua fé e na sua vida de casal.

Para responder a estas expectativas, exploram-se novas pistas, que devem ser prosseguidas.

7 - Oração e Compromisso

Temos a felicidade de ver quanto os equipistas estão comprometidos na Igreja e no mundo. Não será essa a

vocação das Equipas: enraizar na oração em casal para dar o primeiro lugar ao Senhor a fim de mais bem servir a Igreja e o mundo?

Composição da Zona Europa Central

	Membros
Bélgica	3 420
França-Luxemburgo-Suíça	21 400
Ilha Maurícia	360
Líbano	400
Polónia	400
Região de Língua Alemã	630

Caleidoscópico

Caleidoscópico. Foi a imagem que surgiu no nosso espírito ao ler as impressões que, de regresso aos seus



países, inúmeros equipistas enviaram ao secretariado internacional poucos dias após o fim do Encontro.



SECRETÁRIOS DA ERI

CARLA E ROBERTO VIO

Gostaríamos de ser aquele tubo opaco dentro do qual se encontram inúmeros espelhos pequeninos e pequenos objectos coloridos e móveis que neles se reflectem e, com uma ligeira rotação, deixam ver desenhos geométricos e variados que encantam e surpreendem.

Gostaríamos que a página em branco fosse esse tubo e que o nosso espírito fosse o conjunto dos espelhos. Assim podemos começar a pôr na página em branco pequenas frases colhidas de algumas cartas que nos chegaram.

Esperamos que essas palavras possam dar uma imagem variada daquilo que os equipistas viveram durante o décimo encontro do nosso Movimento.

Foi a segunda vez que pudemos participar no Encontro Internacional das ENS e, uma vez mais, sentimo-nos acarinhados por Deus, que nos permitiu viver um acontecimento desta envergadura em Lourdes. Já em Santiago de Compostela tínhamos sido tocados pela dimensão universal do Movimento, sobretudo na partilha eucarística e na oração com irmãos de línguas e etnias diferentes. Todos cantámos na língua do amor o louvor do Senhor. Um casal argentino.

Voltámos de Lourdes verdadeiramente felizes. Este Encontro foi, ao mesmo tempo, caloroso, orante, rico de ensinamentos, cheio de fraternidade... Não podemos prolongar esta lista, mas queremos dizer toda a nossa profunda alegria por termos participado nesse grande momento do Movimento. *Um casal francês.*

Foi um encontro rico de fé vivida, de conhecimento e de descoberta de nós próprios e do nosso casal, de alegria por reencontrar outros casais que já conhecíamos e outros que conhecemos aqui, de partilha de experiências que são aspectos práticos da vida e constituem momentos de enriquecimento para todos nós que nos colocamos sob o olhar protector de Maria. Um casal português.

Gostaríamos que se soubesse que a universalidade da Igreja e as manifestações do Espírito Santo são muito difíceis de exprimir por palavras; mas tanto uma como outras encon-

traram lugar no nosso coração ao fazermos parte de uma grande oração contínua que alimenta e provoca uma necessidade cada vez maior de Deus. Gostaríamos de dizer que, depois de Lourdes, houve uma mudança que nos fez sentir a necessidade da oração, que nos deu um sentimento diferente na recitação do terço e que fez o milagre da paz nos nossos corações. *Um casal mexicano.*

O que mais nos marcou: o ambiente. Doçura, alegria, serenidade, atenção aos outros. Quatro mil casais reunidos que se amam e que fundam o seu amor em Deus, isso mexe connosco! As reuniões de equipa, alimentadas dessa mesma qualidade de escuta e de amizade, também nos trouxeram muito. Sentiu-se aquilo a que vocês chamam comunidades vivas de casais. Um casal francês.

Nosso Senhor apresentou-Se fisicamente diante de nós na procissão eucarística dos peregrinos que tinha como fundo, como cenário, a gruta da Virgem; indo ao encontro da nossa mãe, notámos que ela tinha escolhido um lugar simples para nos indicar o caminho que devemos seguir para adquirir a nossa espiritualidade conjugal. *Um casal da Guatemala.*

Voltámos com o livro cheio de endereços de amigos novos espalhados pelo mundo e entusiasmados por este fabuloso Encontro. Um casal francês.

Foi para mim uma honra participar neste Encontro. Houve momentos de festa, de oração, de formação: logo a cerimónia de abertura na Basílica de São Pio X, completamente cheia... a oportunidade de começar a conhecer

a força evangelizadora deste movimento de casais e a sua influência benéfica e moralizadora da nossa sociedade. Para mim foi claro, mais uma vez, que a família é uma célula da sociedade e deve ser também uma Igreja doméstica. Faço votos para que este Movimento de espiritualidade conjugal e familiar cresça e se fortaleça cada vez mais. As Equipas de Nossa Senhora são uma riqueza para a nossa Igreja e para o nosso país. *Um bispo português.*

Esta tarde vimos um milagre que nos fez virem as lágrimas aos olhos: no prado havia centenas de casais de todas as idades e de todos os países a fazerem o dever de se sentar ou “la sentada” como nós dizemos. Foi muito comovente ver tantos casais “peleándola” (a discutir), querendo viver a três este sacramento, procurando viver a verdadeira felicidade, essa felicidade que não se vê mas que se sente no mais profundo do coração. Um casal argentino.

Queremos partilhar convosco a felicidade e o presente que Deus nos deu de podermos viver este maravilhoso Encontro. *Um casal espanhol.*

Qual é o segredo das Equipas de Nossa Senhora? Pessoas de todos os países do mundo, dos quatro cantos da Terra; encontramos-nos com as nossas cores, as nossas línguas, as nossas gerações, as nossas

preocupações, as nossas tradições e as nossas expectativas. Encontramo-nos como se nos conhecêssemos há muito tempo, como se fôssemos uma só família, grande, amando-se, “tendo entre si os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Filipenses 2, 5). Descobrimos a afabilidade que se desenhava em cada rosto encontrado e o bom acolhimento em cada sítio onde nos sentávamos. A esses nove mil irmãos com quem vivemos momentos inesquecíveis apresentamos as nossas cordiais saudações e o nosso reconhecimento. As nossas mães tornaram-se alegres e agradáveis porque vários sóis se levantaram. Não é de admirar, pois, quando há o amor, uma nova aurora se levanta em cada novo rosto que sorri. Um casal sírio.

Tive a graça, a alegria e a felicidade de participar, pela terceira vez, num Encontro Internacional das Equipas. Fiquei muito contente: a partir dos testemunhos, das intervenções, das sensibilidades adivinhadas, das palavras comunicadas aberta e fraternalmente, as Equipas pareceram-me comunidades não só de pessoas adultas mas também adultas na fé, na vida, no serviço, na missão eclesial, na pastoral conjugal. De facto, como dizia o tema do Encontro: «Comunidade viva de casais, reflexo do Amor de Cristo». *Um conselheiro espiritual italiano.*



CONSELHEIRO ESPIRITUAL DA ERI

FRANÇOIS FLEISCHMANN

Queridos amigos das Equipas,

Na altura em que termina o meu serviço na Equipa Responsável Internacional, gostaria simplesmente de vos sugerir que meditásseis no Cântico de Maria, esse *Magnificat* que sois convidados a rezar todos os dias.

Santo Ambrósio escreveu: «Que em todos resida a alma de Maria para glorificar o Senhor; que em todos resida o espírito de Maria para exultar em Deus» (Sobre São Lucas 2, 26). Porque, quando voltamos a estes versículos, entramos em comunhão com a Mãe de Jesus, que guia a nossa oração.

Maria *glorifica o Senhor, exulta*. Saberemos reconhecer a grandeza e a beleza de Deus que nos criou, de Deus fiel e misericordioso que dá o seu Filho para a salvação do mundo? Será o louvor, a exemplo de Maria, o primeiro movimento da vossa oração? Falais a Deus da vossa alegria por terdes sido chamados a aprofundar a espiritualidade conjugal nas Equipas? Muitos testemunhos de equipistas convidam a reconhecer nessa experiência a acção de *Deus*,

*A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus meu salvador.
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva,
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada
todas as gerações.*

MAGNIFICAT

*O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas,
Santo é o seu nome.*

*A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que O temem.*

*Manifestou o poder do seu braço,
e dispersou os soberbos.*

*Derrubou os poderosos de seus tronos,
e exaltou os humildes.*

*Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.*

*Acolheu a Israel seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais,
a Abraão e à sua descendência para sempre.*

*Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
como era no princípio, agora e sempre.*

Ámen.

meu salvador! Na lembrança ainda viva do encontro de Lourdes, podemos cantar juntos: *o Todo-poderoso fez em mim maravilhas.*

As palavras de Maria, que por vezes nos desconcertam, proclamam que o Senhor privilegia os *humildes*, aqueles que *temem* a Deus (que O respeitam e adoram), ou *os que têm fome*. Não exprimirá Maria assim essa inversão das categorias do mundo que o Evangelho realiza? Ela anuncia as bem-aventuranças e tantos episódios em que Jesus louva e salva os pobres, como o samaritano leproso e muitos outros. Que a humilde Virgem de Nazaré nos encontre simples e abertos ao dom de Deus! Que ela nos ajude a permanecer unidos a Jesus, totalmente oferecido no seu amor extremo para nos elevar, para nos

abrir os caminhos do seu Reino de justiça e de paz, de amor e de verdade.

Porque o Senhor *lembra-Se da sua misericórdia*, da sua *promessa* que vale para todos os que são chamados a constituir o Povo de Deus. Buscai apoio na fidelidade de Deus, na constância do seu amor que vivifica o vosso amor. Ele leva-vos através das provações do vosso caminho; torna-vos testemunhas da Aliança que a vossa aliança de esposos reflecte na nossa sociedade, que tantas vezes desconhece a grandeza do matrimónio.

Se esta oração vos parece difícil, lembrai-vos de que a fazeis em união com a Mãe de Cristo, Mãe dos homens. E escutai esta palavra do Padre Caffarel: «Gostaria que nas nossas Equipas todos se exercitassem na onnipotente ternura da Virgem Maria, que todos os casais experimentassem essa confiança e essa segurança que habitam o coração dos pequeninos quando a sua mãe está presente» (*Carta mensal*, Maio 1949).

Com Maria, ousai cantar: «Jesus, o teu amor é a nossa luz, o teu amor é a nossa alegria».

Estatísticas sa Supra-Região Portugal

Em 2006, o Movimento **creceu 3,2%** (tanto em número de membros como de equipas) relativamente a 2005. Em 1 de Janeiro de 2007 as estatísticas do Movimento eram as seguintes: 4.940 casais, 206 viúvas, 33 viúvos, 665 conselheiros espirituais, 943 equipas, das quais 866 com conselheiro espiritual (há CE com mais do que uma equipa) e 143 em Pilotagem.

Estes dados foram enviadas à ERI em Janeiro de 2007, e é com base neles, e num indicador de nível de vida em cada país, que se calcula a quotização da SR Portugal.

Equipas em Pilotagem

Das 143 equipas que estão em pilotagem, 28 pertencem à Província Norte e Centro, 35 à Província Sul e 80 à Província África.

MENSAGEM DE BENTO XVI PARA A QUARESMA DE 2007

Queridos irmãos e irmãs!

«Hão-de olhar para Aquele que trespassaram» (Jo 19, 37).

Este é o tema bíblico que guia este ano a nossa reflexão quaresmal. A Quaresma é tempo propício para aprender a deter-se com Maria e João, o discípulo predilecto, ao lado d'Aquele que, na Cruz, cumpre pela humanidade inteira o sacrifício da sua vida (cf. Jo 19, 25).

Portanto, dirijamos o nosso olhar com participação mais viva, neste tempo de penitência e de oração, para Cristo crucificado que, morrendo no Calvário, nos revelou plenamente o amor de Deus.

Detive-me sobre o tema do amor na Encíclica *Deus caritas est*, pondo em realce as suas duas formas fundamentais: o agapé e o eros.

O AMOR DE DEUS: AGAPÉ E EROS

A palavra agapé, muitas vezes presente no Novo Testamento, indica o amor oblativo de quem procura exclusivamente o bem do próximo; a palavra eros denota, ao contrário, o amor de quem deseja possuir o que lhe falta e anseia pela união com o amado.

O amor com o qual Deus nos circunda é sem dúvida agapé. De facto, pode o homem dar a Deus algo de bom que Ele já não possua?

Tudo o que a criatura humana é e possui é dom divino: é portanto a criatura que tem necessidade de Deus em tudo.

Mas o amor de Deus é também eros. No Antigo Testamento, o Criador do universo mostra para com o povo que escolheu uma predilecção que transcende qualquer motivação humana. O profeta Oseias expressa esta paixão divina com imagens audazes, como a do amor de um homem por uma mulher adúltera (cf. 3, 1-3); Ezequiel, por seu lado, falando do relacionamento de Deus com o povo de Israel, não receia utilizar uma linguagem fervorosa e apaixonada (cf. 16, 1-22).

Estes textos bíblicos indicam que o eros faz parte do próprio coração de Deus: o Onnipotente aguarda o «sim» das suas criaturas como um jovem esposo o da sua esposa. Infelizmente desde as suas origens a humanidade, seduzida

pelas mentiras do Maligno, fechou-se ao amor de Deus, na ilusão de uma impossível auto-suficiência (cf. Gn 3, 1-7).

Fechando-se em si mesmo, Adão afastou-se daquela fonte de vida que é o próprio Deus, e tornou-se o primeiro daqueles «*que, pelo temor da morte, estavam toda a vida sujeitos à escravidão*» (Hb 2, 15).

Deus, contudo, não se deu por vencido, aliás o «*não*» do homem foi como que o estímulo decisivo que o levou a manifestar o seu amor em toda a sua força redentora.

A CRUZ REVELA A PLENITUDE DO AMOR DE DEUS

É no mistério da Cruz que se revela plenamente o poder incontível da misericórdia do Pai celeste. Para reconquistar o amor da sua criatura, Ele aceitou pagar um preço elevadíssimo: o sangue do seu Filho Unigénito. A morte, que para o primeiro Adão era sinal extremo de solidão e de incapacidade, transformou-se assim no acto supremo de amor e de liberdade do novo Adão.

Pode-se então afirmar, com São Máximo, o Confessor, que Cristo «*morreu, se assim se pode dizer, divinamente, porque morreu livremente*» (Ambígua, 91, 1956).

Na Cruz manifesta-se o eros de Deus por nós. Eros é de facto como se expressa o Pseudo Dionísio aquela «*força que não permite que o amante permaneça em si mesmo, mas o estimula a unir-se ao amado*» (De divinis nominibus, IV, 13: PG 3, 712).

Qual «*eros mais insensato*» (N. Cabasilas, Vita in Cristo, 648) do que aquele que levou o Filho de Deus a unir-se a nós até ao ponto de sofrer como próprias as consequências dos nossos delitos?

«AQUELE QUE TRESPASSARAM»

Queridos irmãos e irmãs, olhemos para Cristo trespassado na Cruz! É Ele a revelação mais perturbadora do amor de Deus, um amor em que eros e agapé, longe de se contraporem, se iluminam reciprocamente. Na Cruz é o próprio Deus que mendiga o amor da sua criatura: Ele tem sede do amor de cada um de nós.

O apóstolo Tomé reconheceu Jesus como «*Senhor e Deus*» quando colocou o dedo na ferida do seu lado. Não surpreende que, entre os santos, muitos tenham encontrado no Coração de Jesus a expressão mais comovedora deste mistério de amor. Poder-se-ia até dizer que a revelação do eros de Deus ao homem é, na realidade, a expressão suprema do seu agapé. Na verdade, só o amor no qual se unem o dom gratuito de si e o desejo apaixonado de recipro-

cidade infunde um enlevo que torna leves os sacrifícios mais pesados. Jesus disse: «E Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a Mim» (Jo 12, 32).

A resposta que o Senhor deseja ardentemente de nós é antes de tudo que acolhamos o seu amor e nos deixemos atrair por Ele. Mas aceitar o seu amor não é suficiente. É preciso corresponder a este amor e comprometer-se depois a transmiti-lo aos outros: Cristo «*atrai-me para si*» para se unir comigo, para que eu aprenda a amar os irmãos com o seu mesmo amor.

SANGUE E ÁGUA

«*Hão-de olhar para Aquele que trespassaram*». Olhem com confiança para o lado trespassado de Jesus, do qual brotam «sangue e água» (Jo 19, 34)! Os Padres da Igreja consideraram estes elementos como símbolos dos sacramentos do Baptismo e da Eucaristia. Com a água do Baptismo, graças à acção do Espírito Santo, abre-se para nós a intimidade do amor trinitário. No caminho quaresmal, recordando o nosso Baptismo, somos exortados a sair de nós próprios e a abrir-nos, num abandono confiante, ao abraço misericordioso do Pai (cf. São João Crisóstomo, Catechesi, 3, 14 ss.).

O sangue, símbolo do amor do Bom Pastor, flui em nós especialmente no mistério eucarístico: «*A Eucaristia atrai-nos para o acto oblativo de Jesus... somos envolvidos na dinâmica da sua doação*» (Enc. Deus caritas est, 13).

Vivamos então a Quaresma como um «tempo eucarístico», no qual, acolhendo o amor de Jesus, aprendemos a difundir-lo à nossa volta com todos os gestos e palavras.

Contemplar «*Aquele que trespassaram*» estimular-nos-á desta forma a abrir o coração aos outros reconhecendo as feridas provocadas à dignidade do ser humano; impulsionar-nos-á, sobretudo, a combater qualquer forma de desprezo da vida e de exploração da pessoa e a aliviar os dramas da solidão e do abandono de tantas pessoas.

Que a Quaresma seja, para cada cristão, uma experiência renovada do amor de Deus que nos foi dado em Cristo, amor que todos os dias devemos, por nossa vez, «dar novamente» ao próximo, sobretudo a quem mais sofre e é necessitado. Só assim poderemos participar plenamente da alegria da Páscoa. Maria, a Mãe do Belo Amor, nos guie neste itinerário quaresmal, caminho de conversão autêntica ao amor de Cristo.

Desejo a vós, queridos irmãos e irmãs, um caminho quaresmal proveitoso, enquanto com afecto envio a todos uma especial Bênção Apostólica.

BENEDICTUS PP. XVI



MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI AOS PARTICIPANTES NO II CONGRESSO MUNDIAL DOS MOVIMENTOS ECLESIAIS E DAS NOVAS COMUNIDADES

Queridos irmãos e irmãs

Na expectativa do encontro previsto para sábado, 3 de Junho na Praça de São Pedro com os membros de mais de 100 Movimentos eclesiais e novas Comunidades, sinto-me feliz por vos enviar, representantes de todas estas realidades eclesiais, reunidos em Rocca di Papa no Congresso Mundial, uma calorosa saudação com as palavras do Apóstolo: “Que o Deus da esperança vos encha de toda a alegria e paz na fé, para que transbordeis de esperança, pela força do Espírito Santo” (Rm 15, 13). Ainda está viva, na minha memória e no meu coração, a recordação do precedente Congresso Mundial dos Movimentos eclesiais, realizado em Roma de 26 a 29 de Maio de 1998, ao qual fui convidado a dar o meu contributo, então na qualidade de Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, com uma conferência sobre a posição teológica dos Movimentos. Aquele Congresso teve o seu coroamento no memorável encontro com o amado Papa João Paulo II a 30 de Maio de 1998 na Praça de São Pedro, durante o qual o meu Predecessor confirmou o seu apreço pelos Movimentos eclesiais e as novas Comunidades, que definiu “sinais de esperança” para o bem da Igreja e dos homens.

Hoje, consciente dos passos feitos a partir de então pelo caminho traçado pela solicitude pastoral, pelo afecto e pelos ensinamentos de João Paulo II, gostaria de me congratular com o Pontifício Conselho para os Leigos, nas pessoas do seu Presidente, D. Stanislaw Rylko, do Secretário, D. Joseph Clemens e dos seus colaboradores, pela importante e válida iniciativa deste Congresso Mundial, cujo tema “A beleza de ser cristão e a alegria de o comunicar” se inspira numa afirmação minha da homilia de início do ministério petrino. É um tema que convida a reflectir sobre o que caracteriza essencialmente o acontecimento cristão: de facto, nele vem ao nosso encontro Aquele que em carne e sangue, visível e historicamente trouxe o esplendor da glória de Deus à terra. A Ele aplicam-se as palavras do Salmo 44: “Tu és o mais belo dos filhos dos homens!”. E a Ele, paradoxalmente, fazem referência também as palavras do profeta: “...sem figura nem beleza. Vimo-lo sem aspecto atraente” (Is 53, 2). Em Cristo encontram-

se a beleza da verdade e a beleza do amor; mas o amor, sabemos-lo, requer também a disponibilidade para sofrer, uma disponibilidade que pode chegar até à doação da vida por quem se ama (cf. *Jo 15, 13*)! Cristo, que é “a beleza de qualquer beleza”, como costumava dizer São Boaventura (*Sermones dominicales* 1, 7), torna-se presente no coração do homem e atrai-o à sua vocação que é amor. É graças a esta extraordinária força de atracção que a razão é subtraída ao seu entorpecimento e se abre ao Mistério. Revela-se assim a beleza suprema do homem que, criado à imagem de Deus, é regenerado pela graça e destinado à glória eterna.

Ao longo dos séculos, o cristianismo foi comunicado e difundiu-se graças à novidade de vida de pessoas e de comunidades capazes de dar um testemunho incisivo de amor, de unidade e de alegria. Precisamente esta força pôs tantas pessoas em “movimento” no suceder-se das gerações. Não foi porventura a beleza que a fé gerou no rosto dos santos a estimular muitos homens e mulheres a seguir as suas pegadas? No fundo, isto é válido também para vós: através dos fundadores e dos iniciadores dos vossos Movimentos e Comunidades individuastes com singular luminosidade o rosto de Cristo e pusestes-vos a caminho. Também hoje Cristo continua a fazer ressoar no coração de muitos aquele “vem e segue-me” que pode decidir o seu destino. Isto acontece normalmente através do testemunho de quem fez uma experiência pessoal da presença de Cristo. No rosto e na palavra destas “criaturas novas” torna-se visível a sua luz e ouve-se o seu convite.

Portanto digo-vos, queridos amigos dos Movimentos: fazei com que eles sejam sempre escolas de comunhão, companheiros a caminho nos quais se aprende a viver na verdade e no amor que Cristo nos revelou e comunicou por meio do testemunho dos Apóstolos, no seio da grande família dos seus discípulos. Ressoe sempre no vosso coração a exortação de Jesus: “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está no céu” (*Mt 5, 16*). Levai a luz de Cristo a todos os ambientes sociais e culturais em que viveis. O impulso missionário é comprovação da radicalidade de uma experiência de fidelidade sempre renovada ao próprio carisma, que leva além de qualquer fechamento cansado e egoísta em si. Iluminai a obscuridade de um mundo transtornado pelas mensagens contraditórias das ideologias!

Não há beleza que tenha valor se não há uma verdade a ser reconhecida e seguida, se o amor se limita a sentimento passageiro, se a felicidade se torna miragem inalcançável, se a liberdade degenera em instintividade. Quanto mal é capaz de produzir na vida do homem e das nações a vontade do poder, da posse, do prazer! Levai a este mundo perturbado o testemunho da liberdade com que Cristo nos libertou (cf. *Gl 5, 1*). A extraordinária fusão entre o amor de Deus e o amor do próximo torna a vida bela e faz florescer o deserto no qual com



frequência vivemos. Onde a caridade manifesta-se como paixão pela vida e pelo destino do próximo, irradiando-se nos afectos e no trabalho e tornando-se força de construção de uma ordem social mais justa, ali constrói-se a civilização capaz de enfrentar o avanço da barbaridade. Tornai-vos construtores de um mundo melhor segundo a *ordo amoris* na qual se manifeste a beleza da vida humana.

Os Movimentos eclesiais e as novas Comunidades são hoje sinal luminoso da beleza de Cristo e da Igreja, sua Esposa. Vós pertenceis à estrutura viva da Igreja, Ela agradece-vos pelo vosso compromisso missionário, pela acção formativa que desempenhais de modo crescente sobre as famílias cristãs, para a promoção das vocações ao sacerdócio ministerial e à vida consagrada que desenvolvéis no vosso âmbito. Agradece-vos também pela disponibilidade que demonstrais ao receber as indicações operativas não só do Sucessor de Pedro, mas também dos Bispos das diversas Igrejas locais, que são, juntamente com o Papa, guardas da verdade e da caridade na unidade. Confio na vossa obediência imediata. Além da afirmação do direito à própria existência, deve prevalecer sempre, com indiscutível prioridade, a edificação do Corpo de Cristo no meio dos homens. Qualquer problema deve ser enfrentado pelos Movimentos com sentimentos de profunda comunhão, em espírito de adesão aos Pastores legítimos. Ampare-vos a participação na oração da Igreja, cuja liturgia é a mais alta expressão da beleza da glória de Deus, e constitui de certa forma um aproximar-se do Céu à terra.

Confio-vos à intercessão daquela que invocamos como a *Tota pulchra*, a “Toda bela”, um ideal de beleza que os artistas sempre procuraram reproduzir nas suas obras, a “Mulher vestida de sol” (*Ap 12, 1*) na qual a beleza humana se encontra com a beleza de Deus. Com estes sentimentos envio-vos a todos, como penhor de afecto constante, uma especial Bênção Apostólica.

Vaticano, 22 de Maio de 2006.

Do Silêncio para a Comunhão

Queridos amigos,

Tivemos o privilégio de beber há pouco tempo os ensinamentos que Emma Martínez Ocaña, teóloga e psicoterapeuta, professora universitária em Madrid, nos deixou num encontro/retiro sobre o tema da *“Purificação da memória e reconciliação da própria história com a própria história de salvação”*. Foi um encontro muitíssimo bom, não sendo possível descrevermos todos os ensinamentos recebidos por falta de espaço num artigo desta natureza.

Antes de entrar no tema propriamente dito, Emma Ocaña fez uma pequena introdução sobre a pessoa humana. Foi tão rica que gostaríamos de nos concentrar nela e partilhar convosco a sua reflexão.

Sintetizando, Emma começou por falar dos nossos muitos ‘eus’. Num primeiro nível, mais superficial, ela apresenta-nos, entre outros, o **‘eu corpo’** – sou homem ou mulher, alto ou baixo, louro ou moreno, etc.; o **‘eu família’** – sou solteiro ou casado, pai ou mãe, filho ou avô, etc.; o **‘eu profissional’** – sou operário, médico ou electricista, etc.; o **‘eu que possuo’** – sou pobre ou rico, tenho casa, carro, etc; o **‘eu dos meus hobbies’** – faço desporto, jardinagem, pesco, caço, leio, etc.; o **‘eu das pessoas ou realidades que amamos’**, etc. etc. São aquilo que ela designa por *‘eus superficiais’*.

Vida em Movimento



JOANA
E SAMUEL SANCHES
LISBOA 100

O primeiro equívoco é crer que sou alguma daquelas realidades. Muitos concentram-se no exercício exagerado da sua profissão, outros na cultura do seu corpo, outros ainda naquilo que têm, confundindo muitas vezes o que são com o que fazem, ou com o visual que aparentam, ou com aquilo que dispõem, esquecendo, na verdade, o sentido mais profundo da sua existência: o que realmente se é, de onde se vem, para onde se vai!...

Em seguida, Emma apresentou-nos um segundo nível de ‘eus’, a que chamou os ‘eus’ psicológicos, como sejam: o **‘eu dos meus valores’**; o **‘eu das minhas crenças’**; o **‘eu da minha religião’**, etc.

Quando estes ‘eus’ psicológicos entram em contradição com os ‘eus’ superficiais, então a pessoa experimenta a incoerência consigo própria e dá-se uma rotura interior. Posso ter uma Fé muito grande, mas depois não experimento a caridade!... Posso acreditar no valor da amizade e não ser amigo, não ter tempo nem capacidade de acolher aqueles de quem aparentemente me considero amigo!... É importante criar espaços próprios, tempos para analisar a relação dos meus valores, das minhas convicções, com a realidade da minha vida. Qual o sentido da minha vida?...

Para além de todos estes 'eus' superficiais e psicológicos há um 'eu' ainda mais profundo que todos possuem, mas nem todos conseguem captar: o **'eu místico'** onde toco o divino que há em mim...

Essa experiência mística leva-me a entender que não sou um ser isolado, mas que faço parte de um todo, de um cosmos, que sou antes de tudo o mais humanidade, que sou um ser em comunhão com os outros. Quando Adão diz para Eva "...és carne de minha carne, és osso dos meus ossos..." não é apenas um mito, mas é um desejo de Deus, é o projecto de Deus para a humanidade! Quando digo 'eu' digo 'tu'!... Jesus teve expressões como estas: "*quem me vê, vê o Pai e quem vê o Pai vê-me a mim*"...; "*aquilo que fizerdes ao mais pequenino é a mim que o fazeis*"...

Corremos o risco de não compreendermos esta nossa realidade mais profunda se não nos desapegamos das nossas realidades mais superficiais, ainda que as vivamos também. Para compreendermos esta nossa dimensão, para tocarmos o divino que há em nós, para atingirmos o **'eu místico'** é necessária uma coisa fundamental: o SILÊNCIO!

É importante libertarmo-nos de todo o tipo de ruído e não ter medo de fazer silêncio no interior do nosso coração. É necessário, entre todos os outros silêncios, o silêncio do nosso corpo que nos fala das nossas angústias, da nossa tensão, do nosso stress; o silêncio das nossas palavras, o silêncio da nossa mente, das nossas reflexões, o silêncio das nossas emo-

ções, o silêncio da nossa culpa e do nosso pecado, etc. etc. etc.

E ao mergulharmos nesse silêncio total, ao fazermos vácuo em nós próprios, percebemos que nesse nosso nada, encontramos o Todo, encontramos Deus, encontramos o Divino que habita em cada um de nós. Que Maravilha: como Ele está mesmo lá!...

«Todas as coisas encobrem algum mistério. Todas as coisas são véus que cobrem Deus.»

Pascal

Então, no nosso nada, conseguimos perceber o verdadeiro sentido da nossa existência: a Comunhão.

Emma Ocaña foi muito feliz ao ilustrar esta reflexão com uma pequena história que contém uma grande mensagem. Imaginemo-nos sentados na praia, olhando para o mar, com a possibilidade de dialogarmos com as ondas que vão rebentando:

- *Quem és tu?* Perguntamos a uma das ondas.

- *Sou uma onda espampanante. Como vês cheia de espuma, a mais bela das ondas!*

- *E tu quem és?* Perguntamos de novo a outra:

- *Sou uma onda definhada. Não sou útil a ninguém. Sou a onda mais deprimida que existe, por isso espraio rapidamente para que ninguém me veja!*

- *E tu quem és?* Perguntamos de novo a uma onda diferente.

- *Sou uma onda cheia de força. Sou certamente a onda mais forte pois transporto todos os surfistas e quando me aborreço viro algumas embarcações.*

- *E quem és Tu?* Perguntamos a uma onda que nos apareceu de seguida cuja beleza estava na sua descrição e na sua simplicidade.

- *Sou mar.* Respondeu!

Bonita história!... A única onda que respondeu a verdade total sobre a sua existência foi a última. No silêncio das suas características, ela possuía o sentido perfeito de Comunhão com o Todo. As outras, pelo contrário, consideravam a sua existência na superficialidade das suas etiquetas. Também connosco se passa muitas vezes isto. Naturalmente que não podemos deixar de ser aquilo que somos! Mas, se relevamos apenas aquilo que nos torna diferentes ou superiores aos outros, se depositamos as nossas falsas seguranças em etiquetas efémeras, perdemos o sentido mais profundo da nossa existência: a comunhão.

É que Deus não criou o homem, criou Humanidade! Criou este mar de homens e mulheres de todos os tempos para viver com eles a mais perfeita Comunhão de Amor. Para que todos fossemos um com Deus!

A nossa existência na terra face à eternidade, não é mais do que esse instante da rebentação de uma onda. E sem este sentido de Comunhão dificilmente conseguimos olhar a linha do horizonte, onde o céu toca a terra, e a partir da qual continua um mar imenso de Vida.

É importante criarmos as condições para podermos afirmar o sentido mais profundo da nossa existência: *Sou MAR!... Sou Humanidade!... Sou Comunhão!...*

Quando os discípulos pediram a Jesus que lhes ensinasse a rezar, Jesus ensinou-lhe a riquíssima oração do Pai Nosso, e rezou-a sempre na primeira pessoa do plural... Ensinou-nos uma oração que naturalmente estabelece Comunhão.

Só com muita humildade, com a consciência da nossa pequenez, do nosso nada, encontramos Deus Todo Poderoso que nos oferece já aqui, neste local e nesta hora, a possibilidade de sentirmos essa maravilhosa comunhão com todos os homens de boa vontade e com todos os anjos e santos do Céu.

O Cardeal Ratzinger, ainda antes de ser Papa, afirmava-nos que a '*Grandeza de Deus se manifestou precisamente na ausência de poder...*' e que '*a mais pequena força de Amor é maior do que o maior potencial de destruição!*'...

É nesse sentido de Comunhão que todos sofrem com aquele que sofre; ou todos se alegram com aquele que se alegra; que todos morrem com aquele que morre; que todos ressuscitam com Aquele que ressuscita!...

É nesse sentido de comunhão que todos somos capazes de rezar na primeira pessoa do plural: não louvando por mim, mas louvando por nós; não agradecendo por mim, mas agradecendo por nós; não pedindo para mim, mas pedindo para nós!...

Afinal, este é o grande desafio e a grande experiência da oração conjugal e familiar, no Movimento e na Igreja, essa voz do Homem, enquanto Humanidade, que se dirige a Deus...



Bento XVI – Família de Nazaré

Intervenção de Bento XVI na festividade da Sagrada Família de Nazaré, ao rezar a oração mariana do Angelus, junto a milhares de fiéis e peregrinos congregados na Praça de São Pedro, no Vaticano, no dia 31 de Dezembro de 2007.



Queridos irmãos e irmãs!

Neste último domingo do ano celebramos a festa da Sagrada Família de Nazaré. Com alegria dirijo uma saudação a todas as famílias do mundo, desejando-lhes a paz e o amor que Jesus nos deu, vindo entre nós no Natal. No Evangelho não encontramos discursos sobre a família, mas um acontecimento que vale mais que qualquer palavra: Deus quis nascer e crescer numa família humana. Desta maneira, a consagrou como o primeiro caminho do seu encontro com a humanidade. Na vida que passou em Nazaré, Jesus honrou a Virgem Maria e o justo José permanecendo submetido à autoridade deles durante todo o tempo da sua infância e adolescência (Lc 2, 51-53). De tal forma, colocou em evidência o valor primário da família na educação da pessoa. Por Maria e José, Jesus foi introduzido na comunidade religiosa, frequentando a sinagoga de Nazaré. Com eles aprendeu a realizar a peregrinação a Jerusalém, como relata a passagem do Evangelho que a liturgia do dia propõe para nossa meditação. Quando cumpriu doze anos, ficou no Templo, e os seus pais precisaram de três dias para encontrá-lo. Com aquele gesto, deu-lhes a entender que Ele devia “ocupar-se das coisas do Pai”, isto é, da missão que Deus lhe havia confiado (Lc 2 41-52).

Este episódio evangélico revela a mais autêntica e profunda vocação da família: a de acompanhar cada um de seus membros no caminho da descoberta de Deus e do projecto que Ele dispôs para eles. Maria e José educaram Jesus antes de tudo com o seu exemplo: em seus pais, Ele conheceu toda a beleza da fé, do amor por Deus e pela sua Lei, assim como as exigências da justiça, que encontra pleno cumprimento no amor (Rm 13, 10). Deles aprendeu que em primeiro lugar há que fazer a vontade de Deus, e que o vínculo espiritual vale mais que o do sangue. A Sagrada Família de Nazaré é verdadeiramente o “protótipo” de cada família cristã que, unida no Sacramento do matrimónio e alimentada da Palavra e da Eucaristia, é chamada a levar a cabo a estupenda vocação e missão de ser célula viva não só da sociedade, mas da Igreja, sinal e instrumento de unidade para todo o género humano.

Invoquemos agora juntos a protecção de Maria Santíssima e de São José para cada família, especialmente para aquelas em dificuldade. Que as sustentem para que saibam resistir aos impulsos deturpadores de certa cultura contemporânea que mina as próprias bases da instituição familiar. Que ajudem as famílias cristãs a ser, em toda a parte do mundo, imagem viva do amor de Deus.

47 DICAS

Uma para cada dia da Quaresma de 2007
(de 4.ª feira de Cinzas até Domingo de Páscoa)

A Quaresma é um tempo em que somos convidados (como pessoas e como comunidade) a fazer um esforço para melhorar, para nos deixarmos **converter e transformar por dentro**.

É esta preparação com vista a poder-mos celebrar mais profundamente a «passagem» – que é a Páscoa – que Jesus Cristo nos propõe cada ano.

Para ajudar neste caminho de Quaresma, aqui vão 47 citações de pessoas que deixaram a sua marca na História.

Ter um «ponto de esforço» para cada dia e poder falar sobre ele com as pessoas que connosco vivem pode ser o estímulo mesmo a calhar que nos permitirá ir mudando por dentro, ir crescendo...

– Como é que Jesus ou Maria, ou outra figura bíblica... terão feito?...

– Como é que o próprio Deus, nosso Pai, actua?...

São alguns possíveis temas para conversa, à volta da ideia sugerida para cada dia.

Falar acerca de mim e dos meus esforços, ouvir os outros, falar com eles acerca deles e de Deus.

Que maneira fantástica para viver este caminho para uma Páscoa mais saudável!

Cada um dos 47 rectângulos de papel pode ser recortado, dobrado e colocado num recipiente que esteja perto do local onde a Família se costuma reunir. Quando a Família estiver reunida para começar este «jogo» basta que alguém tire um papel, o desdobre, leia alto e falem um pouco acerca do seu conteúdo.

Depois, toca a cada um tentar viver essa ideia na prática, ao longo das 24 horas seguintes.

No dia seguinte, conversa-se acerca do esforço feito, reza-se um pouco e tira-se novo papel.

E ASSIM CADA DIA... BOM TRABALHO!..

1. Muitas vezes me vem ao pensamento ir aos colégios da Europa, levantando a voz como homem que perdeu o juízo e, principalmente, à Universidade de Paris, falando na Sorbona aos que têm mais letras que vontade para se disporem a frutificar nelas. Quantas almas deixam de ir à glória e vão ao inferno por negligência deles. (S. Francisco Xavier)

2. Quantas vezes vamos à igreja sem saber o que havemos de fazer ou que pedir! Mas sempre que vamos ter com alguém, sabemos perfeitamente o motivo porque vamos. (S. João Maria Vianney)

3. Lembra-te bem de que somos peregrinos nesta terra: a nossa pátria é o céu. (S. Caetano)

4. Filho caríssimo, sê misericordioso para com os pobres, os infelizes e os aflitos e, segundo as tuas posses, ajuda-os e reconforta-os. (S. Luís, Rei de França)

5. Hoje em dia, infelizmente, vemos com tristeza propagar-se sob várias formas uma certa epidemia a que chamam «indiferentismo». (S. Maximiliano Maria Kolbe)

6. Querido filho, sê forte, para que nem a prosperidade te ensoberbeça, nem a adversidade te desanime. (Santo Estêvão, Rei da Hungria)

7. Cristo está comigo, de quem hei-de ter medo? (S. João Crisóstomo)

8. Deus ama os pobres, e por conseguinte ama também aqueles que os amam. (S. Vicente de Paulo)

9. A glória é a debilidade invencível de Deus no Seu amor. (P. Kolvenbach)

10. Jesus, como poderei pagar-Te todos os benefícios que me concedeste? (S. João de Brébeuf)

11. A minha alma glorifica o Senhor... o Todo-poderoso fez em mim maravilhas. (Nossa Senhora)Cada dia é preciso retomar o caminho. Cada dia é preciso voltar a partir com um novo entusiasmo e um maior ímpeto.

12. Cada dia é uma subida mais íngreme e cansativa, mas também mais inebriante em direcção às alturas. (Papa Pio XII)

13. O pão que permanece inútil na tua casa é o pão daquele que tem fome. O casaco pendurado no teu guarda-fato é o casaco daquele que anda nu. Os sapatos que não são usados na tua casa são de quem anda descalço. O dinheiro que tens guardado pertence ao pobre. Cometes tantas injustiças quantas aquelas que poderias transformar em boas obras. (S. Basílio)

14. Um amigo é alguém que sabe tudo a meu respeito e que, apesar disso, gosta de mim. (Santo Agostinho)

15. A grande beleza de tudo o que é posto ao nosso serviço reclama uma justa acção de graças. (S. Leão Magno)

16. O que importa sobretudo é entrar em nós mesmos para ficar aí a sós com Deus. (Santa Teresa de Ávila)

17. Tu, preocupa-te comigo, que Eu preocupo-Me contigo. (Jesus a Santa Teresa de Ávila)

- 
18. A amizade com os pobres faz-nos amigos de Deus. (Santo Inácio de Loyola)
 19. Ama e faz o que queres. (Santo Agostinho)
 20. Façam bem a vocês mesmos: dêem esmola! (S. João de Deus)
 21. A santidade não é um privilégio para alguns, mas uma obrigação para todos. (Madre Teresa de Calcutá)
 22. Estar triste é quase sempre estar a pensar em si próprio. (Um santo ancião)
 23. Doar-se é a expressão da certeza de que os outros fazem parte da nossa vida. Amar alguém é dizer-lhe: Tu não morrerás! (Maria Alice Cardoso Pinto)
 24. Ó Jesus, meu amor! Encontrei finalmente a minha vocação. A minha vocação é o amor. Sim, encontrei o meu lugar na Igreja. (Santa Teresa do Menino Jesus)
 25. Temos olhos de ver e olhos de não ver; tudo depende do estado do coração de cada um. (Jorge Amado)
 26. Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Te amei! Habitavas dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Te. (Santo Agostinho)
 27. Começa, fazendo o que é necessário; depois, o que é possível; e, de repente, estarás a fazer «o impossível». (S. Francisco de Assis)
 28. Dai-nos Senhor a paz que Vos pedimos, a Paz sem vencedores e sem vencidos. (Sophia de Mello Breyner)
 29. É frequente acusarmo-nos de pequenos defeitos para nos convenceremos que não os temos grandes. (Um santo ancião)
 30. O pior momento para um ateu é quando se sente agradecido e não sabe a quem agradecer. (Um santo ancião)
 31. Torna-te amigo de ti mesmo, e conseguirás viver sozinho. (Um santo ancião)
 32. Divino Espírito Santo: ajuda-me a ver-me como Deus me vê, para que eu não me engane nem engane os outros. (Leonardo Coimbra, filho)
 33. És feliz?... Pensa numa girafa com dores de garganta ou numa centopeia com calos...(Um santo ancião)
 34. Felicidade é saber que, nalgum lugar, alguém espera por mim. (Dostoievski)
 35. Há um grande problema nos homens: sabem tão bem o que lhes é devido mas sentem tão pouco o que devem aos outros. (S. Francisco de Sales)
 36. Em toda a relação é importante: um copo de ciência, um barril de prudência e um oceano de paciência. (S. Francisco de Sales)

- 
- 
- 
37. Ao veres um homem nobre, procura igualá-lo. Ao veres um homem mau, examina-te profundamente. (Confúcio)
38. Não deves permitir que alguém saia da tua presença sem se sentir melhor, ou mais feliz. (Madre Teresa de Calcutá)
39. Quando rezamos, falamos com Deus. Quando lemos a Bíblia é Deus que fala connosco. (Santo Isidoro)
40. Nada te perturbe, nada te assuste, tudo passa. Deus nunca muda. A paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta. (Santa Teresa de Ávila)
41. Senhor! Dá-me vista para Te ver sempre no céu e na terra, ouvidos para Te ouvir no vento e no mar, e mãos para trabalhar em Teu nome. (Fernando Pessoa)
42. A corda tensa que eu sou, o Senhor Deus é que a faz vibrar... (Sebastião da Gama)
43. A medida do amor é amar sem medida. (Santo Agostinho)
44. O homem faz as regras para os outros e as exceções para si. (Um santo ancião)
45. Meu Deus, se Tu estás em todos os sítios, como é que eu me encontro tantas vezes noutros lugares? (Um santo ancião)
46. A felicidade é uma viagem, não é um destino. (Um santo desconhecido)
47. Um santo triste é um triste santo. (S. Francisco de Sales)

Próximas Reuniões da Supra-Região (Fátima)

- **23 a 25 Março 2007** (Contas 2006).
- **15 a 17 Junho 2007** (Com a participação da ECom e ESec).
- **21 a 23 Setembro 2007** (Orçamento 2008 e participação do Regional de Angola e novos CEs).

Um Deus que abraça o teu silêncio

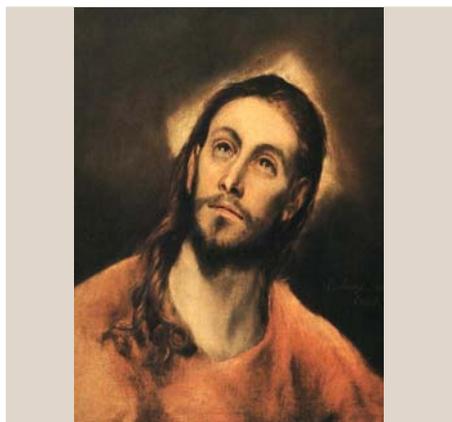
PADRE TOLENTINO

O sábado santo não é apenas um dia imenso: é um dia que nos *imensa*. Aparentemente consiste numa espécie de intervalo entre as palavras finais de Jesus pronunciadas na sexta-feira santa, “tudo está consumado”, e a Insurreição da vida que, na manhã da Páscoa, Ele mesmo protagoniza. O sábado tem assim um silêncio que não se sabe bem se é o da pedra colocada sobre o túmulo, ou se é aquele misterioso silêncio que prepara “o grande levantamento” que a ressurreição significa.

Este “intervalo”, esta terra de ninguém, este tempo amassado entre derrotas e esperança, entre provação e júbilo é o da nossa vida. O silêncio do sábado santo é o nosso silêncio que Jesus abraça. O silêncio dos impasses, das travessias, dos sofrimentos, das íntimas transformações. Jesus abraça o silêncio desta sôfrega indefinição que somos entre já e ainda não.

Há textos antigos da tradição cristã que falam deste dia como da descida

de Jesus até aos infernos. A redenção que a alvorada pascal inscreve na história, é experimentada por antecipação nos mundos subterrâneos onde o passado simbolicamente subjaz. E Jesus vai ao jardim da morte à procura de Eva e de Adão.



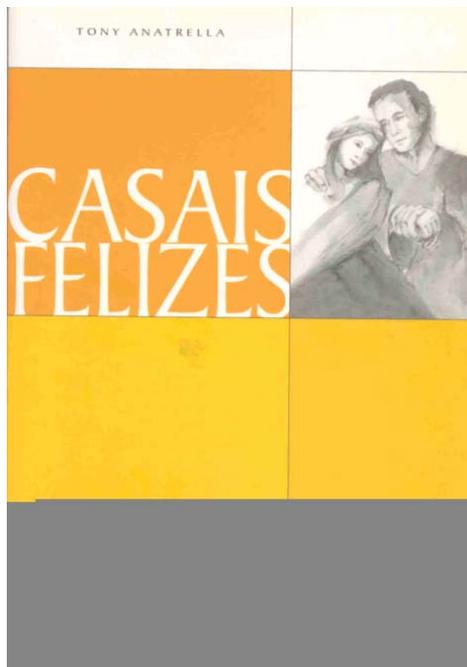
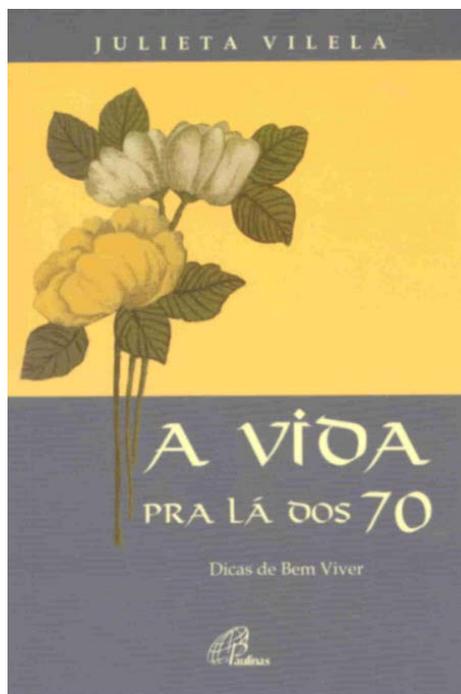
Acredito que Jesus desce a todos os silêncios, mesmo aqueles abissais, mesmo aqueles longínquos, para dizer a vida, cada vida como possibilidade de infinito.

Livros...

A vida para lá dos 70

Com bom senso dignidade
Não é mau envelhecer...
Há encanto na idade,
Como num entardecer!

Escrito por uma mulher com mais de setenta anos de experiência de vida, este livro está recheado de dicas e bons conselhos para viver os setenta ou mais anos com alegria, espírito jovem e bom senso. Dirige-se especialmente às mulheres que, tal como a autora, estão a viver esta mesma etapa da vida.



Casais Felizes

Tony Anatrella é um reputado psicanalista, especialista em psiquiatria social e sacerdote que tem publicado trabalhos de investigação sobre diversas temáticas sociais e psicológicas, como a adolescência, a sexualidade, a depressão ou o relacionamento entre adultos e adolescentes. Este livro nasce da sua longa experiência na escuta de casais em dificuldades e jovens que se preparam para uma vida em comum.

A principal questão que ele coloca é a seguinte: numa altura em que a nossa sociedade se preocupa com uma facilitação das etapas do divórcio, não se afiguraria mais construtivo interrogarmo-nos sobre aquilo que, por um lado, funda e faz desabrochar a relação conjugal e, por outro, permite que ela enfrente as crises que se lhe apresentam?

Noticiário

Nov2006 a Jan2007

CELEBRAÇÃO DOS 60 ANOS DA CARTA FUNDADORA

No ano de 2007 celebramos os 60 anos da CARTA FUNDADORA que data de 1947. Teremos três tipos de celebrações: as Actividades organizadas a todos os níveis, que serão oportunidades para recordar este símbolo da exigência no Movimento, a reflexão proposta da Carta de Novembro, e cujas respostas deverão ser enviadas para o Sector via casal de ligação e, finalmente, o desafio lançado no Encontro Nacional de Responsáveis a todas as Equipas e Sectores. Trata-se de organizar durante o ano, em cada Equipa, Sector, Região e Província, pelo menos uma actividade inovadora e aberta ao exterior. Será mais uma forma de mostrarmos aos outros a importância que a CARTA tem para nós.

REUNIÃO DA SUPRA-REGIÃO (JANEIRO)

Realizou-se em Fátima, na Residencial Santo Amaro, de 12 a 14 **Janeiro** 2007 mais uma reunião da Supra-Região, que incluiu o primeiro Encontro de Formadores. A Equipa da Supra-Região acolheu também,

mais uma vez, alguns Sacerdotes Conselheiros Espirituais (Frei Mateus Cardoso Peres, CE da Região de Lisboa e o Padre Paulo Figueiró da Região Centro Interior). A noite de 6ª feira foi dedicada à oração. A Supra Região prosseguiu com a preparação do Encontro Nacional de Responsáveis de 2007 (24 e 25 Fevereiro) e do Encontro Nacional de 2007 (17 e 18 Novembro). A celebração dos 60 anos da Carta e a reflexão a propor ao Movimento sobre o discurso de Chantilly, foram temas a que se dedicou uma atenção especial. O tempo de formação, ao cuidado do Senhor Cónego Dr. António Janela, foi dedicado à Penitência. A próxima reunião está marcada para 23 a 25 de Março de 2007, também em Fátima.

1.º ENCONTRO NACIONAL DE FORMADORES

O Encontro realizou-se em 13 de Janeiro de 2007, durante a reunião da Supra-Região, em simultâneo com as reuniões das Províncias. Foi um acontecimento importante para facilitar a troca de experiências, para consolidar, uniformizar e planear toda a formação que o Movimento realiza. Estiveram presentes a quase totalidade dos casais formadores

actualmente em funções (30 casais) e a avaliação que fizeram foi claramente positiva. As sugestões mais importantes feitas pelos casais formadores na avaliação foram no sentido de haver mais tempo (iniciar a meio da manhã em vez da hora de almoço) e constituir as equipas mistas com formadores do mesmo tipo de formação. É o que faremos nos próximos encontros, em princípio uma vez por ano, como foi sugerido pela maioria, e com mais tempo.

ADESÃO DA SUPRA-REGIÃO PORTUGAL À ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO P. CAFFAREL

No seguimento da decisão tomada na RSR de Outubro inscreveu-se a Supra-Região Portugal como membro benfeitor da recém criada Associação dos amigos do Padre Caffarel (www.henri-caffarel.org), com uma quota anual de 500 euros e uma contribuição extraordinária em 2007 de 2830 euros (que corresponde ao saldo positivo da participação portuguesa no encontro internacional de Lourdes 2006). O casal Roberty, enviou uma carta datada de 15 de Novembro de 2006, a confirmar a inscrição e a agradecer a transferência extraordinária efectuada.

ADESÃO DOS EQUIPISTAS À ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO P. CAFFAREL

Todos os equipistas que queiram ser membros da Associação dos Amigos

do Padre Caffarel, podem inscrever-se (www.henri-caffarel.org). O Secretariado (ens@ens.pt) está disponível para facilitar o processo de transferência de verbas para o respectivo pagamento. Lembramos que as quotas fixadas para 2007 são as seguintes:

Membro associado – 10•

Casal associado – 15 •

Membro benfeitor – igual ou superior a 25•

A quantia indicada corresponde à inscrição e quota anual.

ABORTO

De acordo com as orientações da CEP o Movimento tomou algumas iniciativas de divulgação de documentos para o completo esclarecimento sobre o assunto em si tal como está colocado no referendo mas também sobre a posição da Igreja de apoio à vida desde a fecundação. Foram publicados diversos textos na Carta de Novembro e aberta uma nova secção no sítio das ENS na Internet dedicada ao Aborto. Na reunião da Supra-Região de Janeiro (12 a 14) foi tomada por unanimidade a decisão de tornar pública a sua posição sobre o Aborto, pelo que foi preparado e divulgado um comunicado (ver www.ens.pt). Neste sentido a Supra-Região decidiu, em comunhão com a Igreja, integrar a dinâmica eclesial laical “Positivamente Não” sobretudo para o esclarecimento e formação dos cristãos. Esta decisão, vai na linha do cariz do Movimento, que é de Espiritualidade e Formação, e não

implicou o envolvimento das suas estruturas numa acção coordenada. Foi, isso sim, um apelo à generosidade de cada casal que, individualmente e em tão grande número se empenharam de forma inexcelável. Como disse João Paulo II, “a ninguém é permitido ficar inactivo”.

SESSÃO DE FORMAÇÃO II (2006-2007)

Realizou-se de 30 Novembro a 3 Dezembro de 2006, na Residencial Santo Amaro, em Fátima, a Sessão de Formação II aberta a casais de toda a Supra-Região. A organização foi da responsabilidade da Província Norte e Centro. Participaram 57 casais e dois Sacerdotes, num total de 115 pessoas. Tiveram de ficar em lista de espera 25 casais por manifesta falta de espaço para os acolher neste encontro.

SESSÃO DE FORMAÇÃO I

Realizou-se de 30 Novembro a 3 Dezembro de 2006, no Algarve, a Sessão de Formação I aberta a casais de toda a Supra-Região. A organização foi da responsabilidade da Província Sul. Participaram 19 casais e a avaliação que efectuaram foi muito positiva. Os que nunca participaram numa Sessão de Formação I nem sabem o que estão a perder...

RELATO DA SR PORTUGAL

O relato das nossas actividades foi enviado em Dezembro ao casal res-

ponsável pela Zona Euráfrica que liga a SR Portugal, Maru y Paço Nemésio. É que a ligação no Movimento faz-se a todos os níveis.



Correspondendo a um pedido das EJNS, a Equipa da Supra-Região decidiu conceder um apoio financeiro de 10.000 • às actividades das EJNS, a ser concedido à medida que as actividades forem sendo executadas. Com esta medida aumentamos os laços com as EJNS e damos um incentivo claro a que mais casais se ofereçam para assistir a equipas de jovens (podem enviar manifestações de interesse e disponibilidade ou pedidos de informação para ens@ens.pt ou por correio para o Secretariado).

CANDIDATURAS DAS ENS AO CONSELHO CONSULTIVO DAS FAMÍLIAS

Por convite do Ministério do Trabalho e Segurança Social, e após consulta ao nosso Bispo (CELF) apresentámos em Dezembro uma Candidatura do Movimento para integrarmos o Conselho Consultivo da Família. Em Fevereiro fomos informados de que as ENS não foram integradas neste Conselho, mas não nos foram comunicadas as razões da escolha nem as entidades escolhidas. Continuaremos a tentar obter esta informação.

PRÓXIMA REUNIÃO DA ZONA EURÁFRICA

Vai ter lugar em Espanha, Granada, de 2 a 4 de Março de 2007, mais uma reunião da Zona Euráfrica, onde o casal Supra-Regional estará presente.

COLÉGIOS DE 2007 E 2008

Conforme já foi noticiado o próximo Colégio será em New Castle, Reino Unido, com a Supra-Região Transatlântica como anfitriã, e realizar-se-á entre 15 e 21 de Julho de 2007.

O Colégio de 2008 terá lugar em Portugal, Fátima, de 20 a 26 de Julho de 2008. Nesta altura realizar-se-á também uma reunião da ERI, de 17 a 20 de Julho, que também se encontrará com Equipistas de Portugal no Sábado 26 de Julho e com a Equipa da Supra-Região no Domingo.

Será para os equipistas portugueses um momento histórico e uma oportunidade para um encontro directo com a ERI.

REUNIÃO DAS REDES CLD E CCR

Vai realizar-se a segunda reunião das redes de casais de ligação às Dioceses (CLD) e casais correspondentes regionais (CCR), com a Equipa da Supra-Região e com a presença das equipas de serviço (Comunicação e Secretariado). Esta reunião terá lugar em Fátima, durante o tempo das equipas mistas do Encontro Nacional de Responsáveis, em 24 de Fevereiro

de 2007. Será um momento de partilha sobre o caminho percorrido e de reflexão sobre o trabalho a realizar no futuro.

MANUAIS JÁ PRONTOS

Os novos Manuais do Sacerdote Conselheiro Espiritual, do Casal de Ligação e do Casal Informador foram apresentados no Encontro Nacional de Responsáveis (Fev2007). Nesta altura já temos no total cinco novos manuais disponíveis (os três referidos e os manuais do Casal Responsável de Sector e o do Casal Responsável de Equipa). Estes manuais serão entregues aos casais que forem convidados para as respectivas tarefas. Aos que já estão em funções basta solicitarem que o secretariado (ens@ens.pt) enviará pelo correio.

PUBLICAÇÃO DOS LIVROS DO P. CAFFAREL

Estamos a realizar esforços para editar os Livros do Padre Caffarel, começando por publicar a bibliografia escrita pelo Jean Alemand. Para tal há que obter as licenças das respectivas editoras e traduzir os originais. Aos casais "tradutores" de Francês disponíveis e generosos pedimos que se ofereçam para nos ajudarem (ens@ens.pt).

MISSÃO A MOÇAMBIQUE

Está em preparação a Missão a Moçambique, de cerca de 10 dias, em

Agosto de 2007 para formação de formadores, encontro com equipistas, divulgação das ENS e contactos com a hierarquia, em dois locais. A delegação será composta por um CE, dois casais e dois jovens das EJNS. O Provincial África acompanhará a missão.

PRIMEIRA REUNIÃO DA NOVA ERI

Realizou-se, de 4 a 10 de Janeiro de 2007, em Paris, a primeira reunião da nova Equipa Responsável Internacional (ERI), já com a presença da Tó e Zé Moura Soares.

FOLHETO DA PASTORAL FAMILIAR APROVADO NO GRUPO DA FAMÍLIA DO CNMO

O Folheto da Pastoral Familiar cuja maquete tinha sido preparada pela Inês Fernandes, já foi aprovado e 14 Movimentos da Pastoral Familiar já aceitaram participar. Decorre actualmente uma identificação formal de Movimentos interessados em participar, para que nenhum fique de fora por falta de informação.

AS EQUIPAS ESTÃO PRESENTES NA PASTORAL FAMILIAR E DO CNMO

Realizaram-se a 20 Janeiro 2007 o Encontro Nacional da Pastoral Familiar, a 30 Janeiro 2007 mais uma reunião do Grupo da Família (CNMO –

Conselho Nacional de Movimentos e Obras), e a 10 Fevereiro 2007 as Jornadas do CNMO. As equipas estiveram representadas nestes três eventos pelo casal Supra-Regional. Consideramos muito importante concertar a actividade entre os Movimentos e os Secretariados Diocesanos da Pastoral Familiar para organizar a ligação e o funcionamento harmonioso entre a pastoral dos carismas (Movimentos) e a pastoral territorial (Vigararias e paróquias).

CASCAIS-OEIRAS

Em torno do nosso pastor, sua eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, esteve reunida a equipa da Região, alargada a alguns casais de ligação e aos seus conselheiros espirituais, no passado dia 10 de Fevereiro, no CONFHIC em Linda-a-Pastora. Estavam presentes 16 casais da Região, a Gabi e o Joaquim Villas-Boas, casal de Ligação à Diocese de Lisboa, e 16 Conselheiros Espirituais. O encontro teve início às 11 horas com a conferência do Sr. Cardeal; seguiu-se um tempo de debate conjunto, e terminou com um almoço de confraternização, às 13 horas.

AVALIAÇÃO DO ENCONTRO INTERNACIONAL DE LOURDES 2006

Foi enviada para a ERI, em Dezembro passado, a avaliação realizada pelos participantes no Encontro

EQUIPAS EM S. TOMÉ E PRÍNCIPE

Alegremo-nos com a notícia de que já existem 12 equipas em S. Tomé e Príncipe, o esforço de todos nós e a graça do Espírito Santo fazem maravilhas.

Da Igreja



BENTO XVI NÃO VIRÁ A FÁTIMA EM OUTUBRO

D. Carlos Azevedo, secretário da Comissão Coordenadora da Conferência Episcopal Portuguesa, anunciou que Bento XVI não virá a Fátima em Outubro de 2007 para a cerimónia de encerramento das celebrações de comemoração dos 90 anos das aparições da Virgem aos três pastorinhos e inauguração da nova igreja da Santíssima Trindade.

Contudo, o Papa enviará a Fátima um representante para as celebrações de Outubro e manifestou o desejo de vir a Fátima noutra ocasião.

ENCONTRO NACIONAL DA PASTORAL FAMILIAR

Com a presença de D. António Carriho, Presidente da Comissão Episcopal Laicado e Família, realizou-se em

MADEIRA

Realizou-se a 17 de Dezembro a Festa de Natal, com a Missa do parto às 7 da manhã, e foi seguida de convívio. Foi organizado também um Encontro sobre a “Teologia do Corpo” baseado nas catequeses do Papa João Paulo II.

Fátima, dia 20 de Janeiro, na Casa de Nossa Senhora do Carmo, o Encontro Nacional da Pastoral Familiar, em que estiveram presentes as Direcções Nacionais de diferentes Movimentos e os Secretariados da Pastoral Familiar de diferentes Dioceses. Reflectiu-se o tema “Repensar a Pastoral Familiar nos 25 anos da *Familiaris Consortio*”. As ENS estiveram representadas pelo Casal Supra-Regional e encontraram muitas caras amigas.

JORNADA NACIONAL DO APOSTOLADO DOS LEIGOS

Organizada pela Comissão Permanente do CNMO (Conselho Nacional de Movimentos e Obras), realizou-se dia 10 de Fevereiro de 2007, em Fátima, na Casa de Nossa Senhora das Dores, sob o tema retirado das palavras de Bento XVI “Ele não nos poupa o cansaço de aprender o modo de

nos relacionarmos uns com os outros”. O Presidente da Comissão Episcopal Laicado e Família fez-se representar pelo Senhor D. Serafim Ferreira e Silva que abriu os trabalhos, participou activamente com intervenções actuais e interpelativas e celebrou a missa de encerramento. As ENS estiveram representadas pelo casal Supra-Regional.

SARCÓGRAFO DE SÃO PAULO REENCONTRADO

As obras de restauração da Basílica de São Paulo Fora dos Muros, em Roma, acabadas em 22 de Setembro de 2006, permitiram redescobri-lo depois de ter sido fechado entre muros de cimento nas obras de reconstrução da basílica, após o incêndio que aconteceu em Julho de 1823.

O sarcófago tem 2,55 metros de comprimento, 1,25 metros de largura e 0,97 metros de altura.

«Há vinte séculos que se diz em absoluta concordância que o túmulo de São Paulo se encontrava ali. Ninguém o pôs em dúvida e ninguém o contradisse», afirmou o cardeal Cordero Lanza di Montezemolo.

IGREJA NO REINO UNIDO CELEBRA SEMANA NACIONAL DO MATRIMÓNIO

Cristãos do Reino Unido celebraram de 7 a 14 de Fevereiro de 2007 a Semana Nacional do Matrimónio. Terry Prendergast de «Marriage Ca-

re», afirmou: «Marriage Care proporcionou apoio à relação durante sessenta anos, anos nos quais o matrimónio esteve em constante evolução e não necessariamente para melhor. Cremos que apoiar algo tão importante como a decisão de casar é vital para o casal, para os seus filhos e para a comunidade», Por esta ocasião o bispo John Hine, presidente da Comissão Episcopal do Matrimónio e Vida Familiar, afirmou: «O mundo no qual vivemos precisa, como nunca, de nosso testemunho cristão da verdade sobre o matrimónio».

Para mais informação sobre a Semana Nacional do Matrimónio ir a www.nmw.org.uk

SECRETÁRIO DE JOÃO PAULO II ESCREVE LIVRO SOBRE O PAPA

«Uma vida com Karol», recém-publicado na Itália, é o livro-testemunho do homem que durante quarenta anos acompanhou Papa João Paulo II. O volume será publicado em Portugal pela Esfera.

SEMANA DA FAMÍLIA E DA VIDA

Como já é habitual celebra-se de 13 a 20 de Maio de 2007 a semana da Família e da Vida que integra o Dia Internacional da Família, dia 15 de Maio.

Estejamos atentos às propostas que cada Diocese fará neste sentido.

BENTO XVI PEDE TRATAMENTOS PALIATIVOS PARA ENFERMOS GRAVES

Na Jornada Mundial do Enfermo, 11 de Fevereiro de 2007, Bento XVI lançou um apelo: «É necessário apoiar o desenvolvimento dos tratamentos paliativos que ofereçam uma assistência integral e que dispensem aos enfermos incuráveis esse apoio humano e acompanhamento espiritual que tanto precisam». O Papa recordou que neste ano quis dedicar esta

Jornada à assistência material e espiritual aos enfermos incuráveis ou terminais e enviou uma saudação «aos agentes de saúde de todo o mundo, consciente da importância que tem na nossa sociedade o seu serviço aos enfermos», e manifestou a sua «proximidade espiritual e afecto aos nossos irmãos e irmãs enfermos, com uma particular recordação para aqueles que estão afectados por enfermidades particularmente graves ou dolorosas».

Próximos Encontros Nacionais

2006/2007

- Encontro Nacional: Fátima.
(17 e 18 Novembro 2007)

2007/2008

- Encontro Nacional de Sectores: Fátima.
(23 e 24 Fevereiro 2008)
- Sessão de Formação II: Fátima.
(24 a 27 Abril 2008)
- Colégio Internacional 2008: Fátima.
(20 a 26 Julho 2008)
- Encontro das ENS de Portugal com a ERI: Fátima.
(26 Julho 2008)
- Encontro da Equipa da Supra-Região com a ERI: Fátima.
(27 Julho 2008)

Interpelações do lugar

LUÍSA E LUÍS SANTOS PEREIRA

Kogent



Era uma manhã cinzenta, húmida, quase pastosa. O dia acabava de se levantar quando, em Tashkent, tomámos um velho Látvia a caminho de Kogent. Já perto da fronteira entre o Uzbequistão e o Tajiquistão, num mercado de uma cidadezinha com nome esquecido, onde se vendia tudo o que o quotidiano precisa, panelas e tachos, sabão e detergentes, vestidos estampados de algodão, calças e blu-

sões, a Galina e a Raïssa foram procurar um sítio minimamente aceitável para um pequeno almoço. Lá encontraram. Uma casita baixa, de adobe revestido a cal, umas telhas sobre ripas armadas em cima de umas vigas toscas, umas mesitas baixas e uns tamboretos pequenos, num chão de terra batida coberto de tapetes de cores escuras. Uma malga de chá, uns pratos com iogurte, uns

pães de trigo ainda quentes e a estalar, ovos estrelados e salsichas regionais, de fazer crescer a água na boca, que a manhã já ia alta. Uma conversa animada em russo, claro, umas frases em inglês, sorrisos e risos, que aquela companhia voltava a fazer a estrada de há tantos anos, para o vale de Fergana, cortada por fronteiras fechadas desde que as independências das repúblicas da Ásia Central haviam criado divórcios políticos e os acertos internos haviam dado lugar a desconcertos e guerras.

Retemperados e animados, lá fomos até à fronteira. Os novos tempos da independência haviam erguido uma barreira de grades de ferro, que desciam desde a colina até ao rio. Um portão fechado barrava a estrada e, ao lado, a uma porta de grades, acumulava-se uma massa de gente com cestos e embrulhos de pano, na maioria mulheres, de vestidos compridos, estampados de cores mais ou menos garridas e lenços atados na nuca. Não havia outro carro a não ser o nosso Látvia, ali encostado para o cerimonial dos passaportes. Éramos de várias nacionalidades, havia passaportes russos, uzebeques, quirguizes e, claro, portugueses. O Vadim lá os levou até ao posto e voltou com os passaportes dizendo que era preciso esperar por alguma ordem que permitisse abrir os portões.

Esperar era ocasião para observar. Fotografias é que não, eram proibidas, que o que por ali se passava não era documentável. E o olhar fixou-se nas pessoas que pretendiam atra-

vessar a fronteira a pé. Discutiam animadamente com os guardas, mostravam uns papéis, agitavam os papéis, os guardas lá se dignavam a mirá-los e de vez em quando lá passava alguém, ora uma ora várias pessoas. Mas alguns lá se iam quedando numa espera gritada e agitada. Um rapaz deixou o magote, desceu ao rio e, trouxe às costas, passou-se para o outro lado e escapuliu-se por trás dos edifícios dos guardas. Como não o viram porque não quiseram ver, lá foi também uma mulher de cesto, que quase deixava o



vestido preso nas grades, e mais outra com um grande saco que quase lhe caía no rio. Eram pequenos contrabandistas, claro, que haviam vindo ao mesmo mercado onde comêramos, e regressavam a casa com verduras, pão, coisas de casa e de vestir e que se davam a todo este trabalho para poupar alguns, poucos, *sumes* tajiques, que a vida ali era difícil depois de vários anos de guerra civil.

Finalmente abriram-nos o portão. O nosso era o primeiro carro a passar desde que a fronteira fechara anos atrás. A espera era explicável: não sabiam onde estava a chave do cadeado, há tantos anos guardada, sem utilidade! Lá passámos e fomos até Kogent, a antiga Leninabad como



a baptizaram nos tempos soviéticos e onde, no centro, ninguém havia apeado a grande estátua de Lenine. Cidade de contrastes, entre a arquitectura soviética, que fizera praças, avenidas e prédios, como em todas as cidades da região, e onde se mantinham peças interessantes mas maltratadas da arquitectura muçulmana de estilo persa, a lembrar que os tadjiques são de etnia persa e a sua língua deriva do persa e não do turco, ao contrário do que acontece com os outros povos do antigo Turquistão russo. As confusões de fronteiras que Estaline definiu fizeram que os tadjiques tenham mais habitantes nos países vizinhos do que no próprio país. Povos de montanha, pastores e

caçadores que eram, sempre haviam vivido em organização tribal e a capital, Dushambé, não era mais do que o lugar do mercado das terças-feiras e onde existia a grande mesquita. Com o poder soviético veio uma nova organização centralizada e ateia e as velhas instituições entraram em dormência. Quando o poder soviético desapareceu estas acordaram de um longo sono e, claro, estalou guerra entre os que pretendiam reviver as tribos e os que, herdeiros das instituições soviéticas, pretendiam continuar com o mesmo tipo de organização do estado. Estes, claro, ganharam!

No laboratório de nosso destino fomos recebidos com música e flores e, claro, um bom chá. Era o reencontro com o mundo exterior, com aqueles com que já haviam convivido; era o renovar da esperança de tempos melhores depois de vários anos de guerra. E no campo, num grande *Kolkhoz*, a mesma alegria, a mesma esperança. No largo da aldeia, sentados de perna cruzada num estrado armado sobre o canal de rega, uma mesa vasta de borrego, pão, verduras, *plov* e *vodka*, oferecia-nos o que de melhor havia para festejar como se fôramos filhos pródigos! Contentes, lá partimos para a fronteira outra vez, mas agora a de Fergana, a Oriente. Estava fechada outra vez, nova espera por uma ordem; chave para o cadeado havia mas acontecera que nesse dia, na capital, haviam feito um atentado e um ministro morrera. Quando puderam reconhecer que não havíamos podido atravessar as montanhas do

Pamir e regressar, tanto mais que uma guarda tinha um filho doente e lhes dava jeito que a levássemos a casa, lá passámos. E a fronteira que-
dou fechada por mais umas
semanas.

As pessoas são como os países, ou os países são como as pessoas. Vivem na amizade, convivem e, sem que as razões sejam muito fortes, deixam de conviver. Nascem as saudades desses tempos que foram melhores, mais agradáveis e alguém tem que abrir os portões das nossas fronteiras. Às vezes também não se sabe onde está a chave, como fazer para receber o outro ou para ir ao seu encontro. Se não erguermos barreiras fica mais fácil. Mas às vezes é muito difícil não pôr grades, que precisamos de nos defender ou de satisfazer o orgulho em vez de acarinhá-lo a disponibilidade.

Nós mesmos, no nosso interior, sofremos disputas entre o que quere-

mos ser e o que queremos parecer e sofremos dos nossos desacertos como guerras civis no nosso âmago. Só quando chegamos aos acertos é que nos abrimos aos outros; enquanto não estivermos bem adentro da nossa pele não somos capazes. Depois, se encontramos os outros, mesmo ou sobretudo os que nos são mais próximos, somos capazes da festa, de matar o bezerro gordo e abrir o vinho velho. Mas nada está garantido. Algum problema externo, como o atentado do outro lado da montanha, pode fechar-nos outra vez. E até é preciso encontrar motivos especiais, como o filho doente daquela guarda de fronteira, para que as barreiras se levantem, até por pouco tempo.

Ah, se pudéssemos ser simples, estar abertos aos outros, deixarmo-nos ser recebidos quando os outros nos abrem a porta!

Parede, 16 de Dezembro de 2006.

Próximos Encontros de Equipas Novas e de Formação I

- **Província Sul**

Encontro de Equipas Novas de Junho de 2007 (1 a 3), no Turcifal.

- **Província Norte e Centro**

Encontro de Equipas Novas de Março de 2007 (24 e 25), na Casa Diocesana em Albergaria.

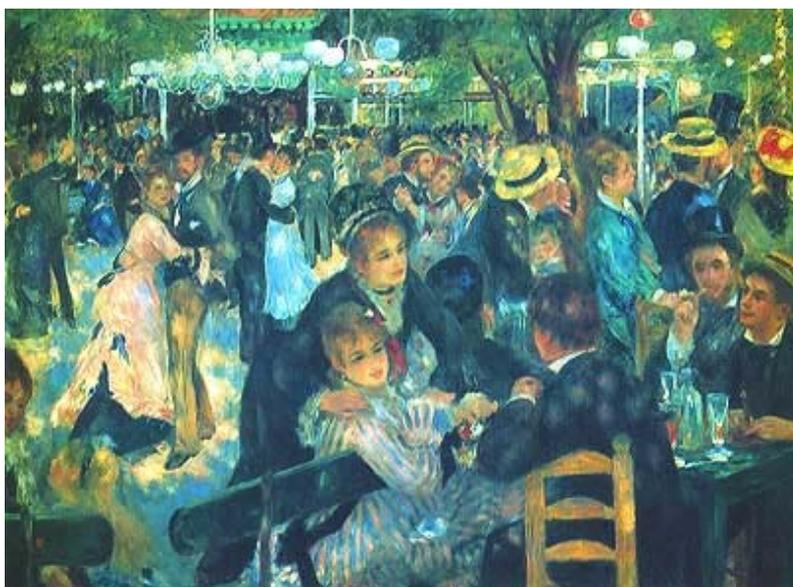
Encontro de Equipas Novas de Maio de 2007 (26 e 27), na Casa Diocesana em Albergaria.

O Tempo da Esperança

MARIA DA CONCEIÇÃO E ANTÓNIO DÓRIA
PORTO 2

Desde sempre entendemos que a nossa vida se situa, em cada momento, entre o passado, onde permanecem as nossas lembranças, e o futuro para onde se dirigem as nossas esperanças. É pois natural que, à

que somos hoje após a longa caminhada que empreendemos a dois no dia do nosso casamento. É tempo de olharmos para trás e revermo-nos, com alegria, nos filhos e nos netos reconhecendo como foi grande a



medida que vamos avançando em idade maiores sejam as nossas lembranças e mais reduzidas as nossas esperanças. Não significa isto, contudo, que tenhamos de viver a terceira idade ligados apenas à saudade do passado e à angústia do futuro. É tempo de reflectirmos e repensarmos a vida em casal à luz do

nossa disponibilidade para com eles. Nós somos, afinal, o seu grande tesouro e o referencial seguro para as suas vidas. Pensamos, por isso, que esta fase da nossa vida (que, por ser a última, não tem necessariamente de ser curta) deve ser encarada com muita alegria e muita esperança num clima de total disponi-

bilidade de um ao outro e dos dois aos outros.

Saber assumir o passado com as suas alegrias e tristezas, aceitar o presente e perspectivar o futuro em atitude de serena tranquilidade e de profunda Esperança, será o testemunho que poderemos transmitir aos outros que porventura sentem alguma dificuldade em viver serena e tranquilamente os novos tempos que se avizinham.

Nascido no seio das **Equipas de Nossa Senhora**, o movimento **“O Tempo da Esperança”** tem por objectivo ajudar todos os casais, pertencentes ou não às **Equipas**, vivendo a terceira idade e possuindo uma grande experiência do casamento, a reflectir sobre os limites próprios da idade, sobre a necessidade de aprofundar o diálogo e descobrir novas riquezas nas suas vidas na atenção e ternura que dedicam um ao outro, sobre a partilha dos seus valores espirituais e prática religiosa, sobre o valor do seu testemunho em relação aos filhos e aos netos e, também, no seio da Sociedade e da Igreja.

O seu objectivo é, acima de tudo, transmitir ao maior número possível de casais que a vida pode e deve ser vivida na Esperança, fonte de alegria, serena e tranquila, tão necessária para enfrentar esta nova etapa das nossas vidas.

A sua metodologia consiste na formação de grupos de 6 casais que reflectirão sobre diversos temas em 8 sessões intervaladas de 2 semanas. Durante as reuniões, cuja duração

não deverá exceder 2 horas, cada casal partilhará com os restantes membros do grupo, em clima de entreajuda, o resultado da reflexão, feita a dois, sobre o tema de estudo. As reuniões iniciam-se com a leitura da Palavra de Deus, adequada a cada tema, e termina com a leitura de um salmo.

Findas as 8 sessões, o grupo dissolve-se sendo, contudo, desejável que alguns casais se disponibilizem para “pilotaem” novos grupos.

Depois da **Maria Virgínia** e do **Abel Campos** que foram os pioneiros deste movimento, então chamado **Outono da Vida**, coube à **Maria da Conceição** e ao **António Manuel Dória** a responsabilidade do seu relançamento na diocese do Porto em novos moldes que se afiguram mais adaptados à vida dos “jovens idosos” a quem se destina.

“O Tempo de Esperança” é a nova designação do movimento e o testemunho que desejamos apresentar a todos os que, como nós, sentiram a necessidade de descobrir a riqueza que as nossas vidas ainda encerram é de que vale a pena contactarem:

Maria da Conceição e António Manuel Dória

Rua São João de Brito, 251 – 4100 Porto

Telefone: (22)6175851

Para integrarem um dos próximos grupos de reflexão que se encontram em formação.

Digam-nos, depois, se valeu ou não valeu a pena.

O NOVO CONTEXTO DA LUTA PELA VIDA

Nota Pastoral

Reunida em Assembleia extraordinária, após o habitual retiro, a Conferência Episcopal Portuguesa, na sequência do referendo de 11 de Fevereiro, decidiu propor algumas reflexões pastorais aos cristãos e à sociedade em geral.

1. Apesar de a maioria dos eleitores não se ter pronunciado, o resultado favorável ao “Sim” é sinal de uma acentuada mutação cultural no povo português, que temos de enfrentar com realismo, pois indicia o contexto em que a Igreja é chamada a exercer a sua missão. Manifestou-se uma cultura que não está impregnada de valores éticos fundamentais, que deveriam inspirar o sentido das leis, como é o do carácter inviolável da vida humana, aliás consagrado na nossa Constituição. Esta mutação cultural tem várias causas, nomeadamente: a mediatização globalizada das maneiras de pensar e das correntes de opinião; as lacunas na formação da inteligência, que o sistema educativo não prepara para se interrogar sobre o sentido da vida e as questões primordiais do ser humano; o individualismo no uso da liberdade e na busca da verdade, que influencia o conceito e o exercício da consciência pessoal; a relativização

dos valores e princípios que afectam a vida das pessoas e da sociedade.

Reconhecemos, também, que esta realidade social, em muitas das suas manifestações, tem posto a descoberto, em vários aspectos, alguma fragilidade do processo evangelizador, mormente em relação aos jovens. A nossa missão pastoral, por todos os meios ao nosso alcance, tem de visar este fenómeno da mutação cultural, pois só assim ajudaremos a que os grandes valores éticos continuem presentes na compreensão e no exercício da liberdade.

2. Congratulamo-nos com a vasta e qualificada mobilização, verificada nas últimas semanas, em volta da defesa do carácter inviolável da vida humana e da dignidade da maternidade. É um sinal positivo de esperança. É importante que permaneça activa, que encontre a estrutura organizativa necessária, para continuar a participar neste debate de civilização.

O debate do referendo esteve centrado na justeza de um projecto de lei que, ao procurar despenalizar, acaba por legalizar o aborto. A partir de agora o nosso combate pela vida humana tem de visar, com mais inten-



sidade e novos meios, os objectivos de sempre: ajudar as pessoas, esclarecer as consciências, criar condições para evitar o recurso ao aborto, legal ou clandestino. Esta luta deveria empenhar, progressivamente, toda a sociedade portuguesa: Estado, Igrejas, movimentos e grupos e restante sociedade civil. E os caminhos para se chegar a resultados positivos são, a nosso ver: a alteração de mentalidades, a formação da consciência, a ajuda concreta às mães em dificuldade.

3. A mudança de mentalidade interpela a nossa missão evangelizadora, de modo particular a evangelização dos jovens, das famílias e dos novos dinamismos sociais. Toda a missão da Igreja tem de ser, cada vez mais, pensada para um novo contexto da sociedade. São necessárias criatividade e ousadia, na fidelidade à missão da Igreja e às verdades evangélicas que a norteiam.

Faz parte dessa missão evangelizadora o esclarecimento das consciências. A Igreja respeita a consciência, o mais digno santuário da liberdade. Não a ameaça, nem atemoriza, mas quer ajudar a esclarecê-la com a verdade, pois só assim poderá exprimir a sua dignidade.

Esta verdade iluminadora das consciências provém de um sadio exercício da razão, no quadro da cultura; é-nos revelada por Deus, que vem ao encontro do ser humano; é património de uma comunidade, cuja tradição viva é fonte de verdade, enquadrando a dimensão individual da

liberdade e da busca da verdade. Para os católicos, a verdade revelada, transmitida pela Igreja no quadro de uma tradição viva, é elemento fundamental no esclarecimento das consciências.

Aos católicos que, no aceso deste debate, se afastaram da verdade revelada e da doutrina da Igreja, convidamo-los a examinarem, no silêncio e tranquilidade do seu íntimo, as exigências de fidelidade à Igreja a que pertencem e às verdades fundamentais da sua doutrina.

Aos fiéis católicos lembramos, neste momento, que o facto de o aborto passar a ser legal, não o torna moralmente legítimo. Todo o aborto continua a ser um pecado grave, por não cumprimento do mandamento do Senhor, “não matarás”.

Apelamos aos médicos e profissionais de saúde para não hesitarem em recorrer ao estatuto de “objectores de consciência” que a Lei lhes garante.

Às mulheres grávidas que se sintam tentadas a recorrer ao aborto, aos pais dos seus filhos, pedimos que não se precipitem. A decisão de abortar é, na maior parte dos casos, tomada em grande solidão e sofrimento. Um filho que, no início, aparece como um problema, revela-se, tantas vezes, como a solução das suas vidas. Tantas mulheres que abortaram sentem, mais tarde, que se pudessem voltar atrás teriam evitado o acto errado. Abram-se com alguém, reflectam, em diálogo, na gravidade da sua decisão.

4. Mas há uma resposta urgente a dar ao drama do aborto: criar ou reforçar estruturas de apoio eficaz e amigáveis às mulheres a braços com uma maternidade não desejada e que consideram impossível levar até ao seu termo. Estudos recentes mostram que a maior parte das mulheres nessas circunstâncias, se fossem ajudadas não recorreriam ao aborto. É um dever de todos nós, de toda a sociedade, criar essas estruturas de apoio.

Uma das novidades da campanha do referendo foi o facto de muitos defensores do “Sim” – a começar pelo Governo da Nação, que se quis comprometer numa questão que não é de natureza estritamente política – afirmarem ser contra o aborto, quererem acabar com o aborto clandestino e diminuir o número de abortos. Registamos esse objectivo, mas pensamos que o único caminho eficaz e verdadeiramente humano é avançarmos significativamente na formação da juventude e no apoio à maternidade e à família. Não poderemos esquecer que, no quadro social actual, a maternidade se tornou mais difícil. No actual contexto das nossas sociedades ocidentais só se chegará a uma política equilibrada de natalidade com um apoio eficaz à maternidade, com particular atenção à maternidade em circunstâncias difíceis e, por vezes, dramáticas.

No que à Igreja diz respeito, continuaremos a incluir esta acção de acolhimento e ajuda às mães entre as nossas prioridades. Mas para que esta acção seja eficaz, precisa-se da

convergência de todos, Estado e sociedade civil. Demo-nos as mãos para acabar com o aborto e tornar a lei, que agora se vai fazer, numa lei inútil.

5. A busca de uma solução, a médio e a longo prazo, tem de passar, também, por uma política de educação que forme para a liberdade, na responsabilidade, concretizada numa correcta educação da sexualidade. Esta constitui um dos dinamismos mais ricos e complexos do ser humano, onde se exprimem a dimensão relacional e a vocação para o amor e para a comunhão. Uma vivência desregrada da sexualidade é uma das principais causas das disfunções sociais e da infelicidade das pessoas. A sã educação da sexualidade há-de abrir para a gestão responsável da própria fecundidade, através de um planeamento familiar sadio, que respeite e integre as opções morais de cada um. Quando a geração de um filho não for fruto de irreflexão, mas de um acto responsável, estará resolvido, em grande parte, o problema do aborto.

6. A luta pela vida, pela dignificação de toda a vida humana, é uma das mais nobres tarefas civilizacionais. Não será o novo contexto legal que nos enfraquecerá no prosseguimento desta luta. A Igreja continuará fiel à sua missão de anúncio do Evangelho da vida em plenitude e de denúncia dos atentados contra a vida.

Fátima, 16 de Fevereiro de 2007.

A Palavra dia-a-dia

ISABEL VEIGA DE MIRANDA, COIMBRA 39

É no concreto do nosso dia a dia que a Palavra se manifesta actual e eficaz, se faz Vida.

No dia 1 de Julho passado, quando regressada a casa após o Encontro de Encerramento de Actividades dos sectores de Coimbra, espalhei-me a todo o comprido e como tinha a mão direita ocupada, foi o braço esquerdo que me amparou, mas no embate fracturou.

No primeiro momento e ainda antes de me ter sido imobilizado o braço, pensava antes o esquerdo que o direito, se calhar antes o braço que a perna, etc... Isto tudo enquanto no hospital aguardava também que o "Portugal - Inglaterra" se resolvesse



a contento do pessoal que estava dividido entre o dever e o entusiasmo dos "penaltis".

O pior veio depois... afinal um braço só, mesmo sendo o direito, torna-se bastante inábil. Nas mais pequenas tarefas sentimos a nossa incapacidade e a situação agrava-se quando temos pessoas dependentes a nosso cargo.

Apesar do Augusto se ter excedido em colaboração, confesso que ao fim de 3 dias eu estava a entrar em "paranóia" – habituada a uma actividade constante, a tremenda limitação que me causava aquela tala no braço, que me perturbava imenso até o simples duche, estava a conduzir-me a um nervosismo terrível.

É certo que eu me ia auto criticando, comparando a minha situação com outras muitíssimo mais complicadas e pensava frequentemente numa senhora da minha comunidade paroquial que abruptamente, num acidente, ficou sem o membro superior direito, amputado pelo terço superior do braço.

Vinham-me também à mente outros amigos, a passar por momentos difíceis a nível de saúde e situação familiar e por eles eu ia tentando fazer um exercício de aceitação, mas a volta de 180.º foi quando me caí nas mãos a Carta aos Intercessores desse mês.

Uma das intenções que nos era particularmente confiada: **um jovem que acabava de perder as duas pernas!** ...

Bem esta não dava mesmo mais hipótese de me continuar a preocupar comigo...

O Senhor estava tão concretamente a pedir-me que, neste preciso momento, tomasse um pouco sobre mim a cruz dos meus irmãos, essa cruz imensa cujo peso só Ele conhece, que a minha pequena limitação tornou-

se apenas uma minúscula partícula... leve como uma pena...

Foi então que palpavelmente meditei a Palavra do Senhor:

“Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração e achareis alívio para as vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”. (Mt 11, 29-30)

A Carta ficou ali sobre a lareira, junto à Bíblia que diariamente procuramos meditar...

SINAIS DE DEUS

Um destes dias fui à cidade.
Andava tudo apressado, inquieto, nervoso.
Cheirava a egoísmo.
À porta do mercado, sentado numa manta rota,
Estava um pedinte,
Magro, estropiado, deformado.
Olhei-o.
Sorriu-me. Com um sorriso terno, resignado.
Fiquei intrigado.
Como é que da miséria pode brotar esperança?
«Há, pois era um sinal de Deus!...»

Vagueei pela cidade. A meio da manhã
Passei pelo Hospital.
Fui ver os doentes.
Entrei. Cheguei-me perto deles.
Estavam em grupo, a conversar.
No centro das atenções estava uma jovem,
Alegre, a cantar, a divertir a malta,
Tinha um ar cadavérico. Caíra-lhe o cabelo.
O cancro consumia-a, dia a dia,
Irreversivelmente.
Como é que no sofrimento pode haver tanta alegria?
«Há, pois era um sinal de Deus!...»

Saí do Hospital. Estava confuso. Para onde havia de ir?
Olhei, vi muito povo a ir, e fui, entrei no hipermercado.
Não imaginam... Que grande confusão!...
Todos se atiravam a tudo. Enchiam-se os carrinhos.
Eram enormes as filas para pagar.
Coitada!... Uma criança teve que ir a pé, para casa,

Porque o excesso de embrulhos ocupara-lhe o lugar.
Lá atrás, num canto, vi um velhote, cabisbaixo.
Parado. A ver a multidão passar.
Não tinha carrinho, nem cesto. Afinal, para quê?
Levava apenas um pão, para repartir com a mulher,
Que o esperava em casa, sozinha e acamada.
O velhote esperava. Calmo. Repousado.
Como é que na miséria pode haver tranquilidade?
«Há, pois era um sinal de Deus!...»

Quando, cansado, regresssei a casa.
Deitei-me sobre a cama e repousei.
Minha mulher descansava.
O silêncio marcava o espaço.
Não acendi a televisão. Para quê? Dá sempre as mesmas coisas!...
Também não quis ouvir música, nem ler, nem escrever.
Imaginem: nem me lembrei de comer!...
Na calma, deixei correr as imagens e as ideias
E olhei-me bem no fundo, no miolo de mim próprio.
Vi o pedinte, a doente, o velhote. Vi-os todos.
Reconheci-me neles
Vi itinerários de felicidade
Encontrei sinais de Deus.
Dormira. Sonhara.
Como é que um pecador pode sonhar coisas tão lindas?
«Há!... Pois!... Fora um sinal de Deus!...»

Hoje, aqui, neste nosso encontro,
Brilharam mil sinais de Deus.
Obrigado, muito obrigado Senhor...

Texto apresentado na Ceia de Reis do Sector de Guimarães, por José Fernando Rodrigues Alves Pinto, aos 20JAN2007

1.º Encontro Nacional de Formadores

JOANA E JOÃO FIGUEIREDO
COIMBRA 39

Realizou-se em Fátima,
a 13 de Janeiro de 2007,
o 1.º Encontro Nacional
de Formadores das ENS



Depois de acolhidos na Residencial Santo Amaro, reunimo-nos num animado almoço, em que todos manifestavam o gosto do reencontro. Terminada a refeição, o casal Ana e Vasco, procederam à abertura dos trabalhos e apresentaram o programa que iríamos seguir durante o dia, não sem antes transmitirem a necessidade por muitos sentida, de se fazer uma avaliação da Formação, a nível nacional. Cerca de 30 casais, divididos por 5 equipas mistas foram colocados perante “Encruzilhadas” - sugestões e pistas de reflexão - onde formadores de “Formação I”, “Equipas Novas” e de “Casais de Ligação”, avaliaram o trabalho que tem vindo a ser realizado, apontaram conclusões e porventura sugestões, para alcançar mais eficácia e sucesso no desenvolvimento desse mesmo trabalho. O tempo dedicado a esta reflexão revelou-se muito enriquecedor, pois as respectivas experiências e

percursos, e as realidades diversas em que cada casal se integrava, contribuíram para que nos sentíssemos mais “Movimento”. Após uma pequena pausa, tudo isto foi levado ao plenário activamente participado. Para o Movimento terá sido concerteza pertinente, o ponto da situação efectuado. Para todos os que integram Equipas de Formação, foi seguramente estimulante a partilha, que permitiu o redireccionamento das responsabilidades a assumir, e evidenciar a importância de Plano de Formação na Estrutura do Movimento. A Eucaristia que se seguiu, celebrada pelo Sr. Cônego António Janela, tempo de fortalecimento da missão, fez-nos sentir, de facto, “Enviados por Cristo para dar muito fruto...” Após o jantar, regressámos a casa com novos horizontes perspectivados, cientes do privilégio e da responsabilidade de ser um Casal das Equipas de Nossa Senhora.

Formação II

ANA E FERNANDO NEVES/MARIA JOSÉ E FREDERICO BURNAY



Chegados à Equipa de Sector há pouco tempo, foi-nos dito que haveria em Fátima uma “Formação II” que nos ajudaria no desempenho do nosso trabalho.

A ideia de ir para Fátima durante quase quatro dias no princípio de Dezembro, apanhando o feriado, não era lá muito convidativa. Eram aqueles dias destinados a armar o Presépio e a Árvore de Natal, fazer algumas compras, completar a lista dos presentes que, por mais que se correm, são sempre compridas... não calhava lá muito bem. Mas fomos.

Foram quase quatro dias intensos, sem tempos mortos, em que o testemunho dos casais, o empenho, a Fé, o sentido de Igreja, nos tocou profundamente. Abriu-se um espaço no corre-corre do nosso dia a dia que nos permitiu interrogarmo-nos sobre o que tem sido a nossa entrega. Tanto que temos recebido!

Sentimos que era tempo de contribuirmos também e darmos um pouco de nós próprios. Toda esta Formação estava preparada para nos ajudar nessa vontade de dar alguma coisa.

Tomámos consciência do Sentido de Comunidade existente nas ENS, que suporta e enquadra a nossa equipa de base, onde nos sentimos tão bem, mas que adquire uma dimensão completamente diferente vista numa perspectiva mais alargada.

Fomos particularmente sensíveis à forma como se falou do trabalho da Equipa de Sector. “A Equipa de Sector é o coração do Sector”, foi dito. E podemos confirmar como, para além da nossa equipa de base, nos sentimos ligados agora a outra equipa — a do Sector — com a qual temos vivido momentos de oração, criado amizade, partilhado tarefas e responsabilidades.

Para além disso, as ligações a outras equipas de base, onde temos sido tão bem acolhidos, tem contribuído também para nos fazer sentir esta realidade de comunidade alargada, onde rezamos todos, onde podemos pôr em comum alguma coisa de nós e podemos também partilhar a nossa caminhada na Fé.

Sabemos, como foi dito, que a ligação que estabelecemos com as outras equipas não é apenas um encontro ou uma tarefa — é uma Atitude.

Foi essa Atitude, vivida de uma forma muito profunda, que nos foi comunicada nesta “Formação II”, não só pelos casais que asseguraram as comunicações, mas por todos aqueles que sabemos que estão por trás, mesmo sem ter aparecido, por todos aqueles com quem nos cruzámos nas “Encruzilhadas”, desde os mais próximos de nós até ao casal de Cabinda que nos deu um testemunho da sua exigência de Fé e sentido de Igreja.

Também fomos tocados pela capacidade de pôr em comum a alegria que nos anima, e que faz parte dos laços que nos unem a todos.

Voltámos de Fátima com uma semana de atraso nas prendas de Natal, mas cheios de uma vontade renovada e de uma confiança maior no papel que as ENS desempenham nas



nossas vidas, num movimento que, pela força e generosidade de alguns, consegue chegar tão longe.

Sabemos que não damos tudo o que devíamos dar. Mas a Fé, a força, a capacidade de entrega que testemunhámos neste encontro, vai certamente ajudar-nos a viver com UM AMOR MAIOR toda a nossa vida, transmitindo-o a todos aqueles que se vão cruzando no nosso caminho.

Obrigado, ENS!

Formação II

Testemunho

MAFALDA E JOSÉ PIMENTEL SANTOS

30 de Novembro de 2006. Mais um passo na caminhada. Fazei-vos ao largo. Ide e pregai a Boa Nova.

Reunir, partilhar, entender, participar. Com oração, motivados, alegres, animados, unidos no mesmo propósito de aprender a servir.

Respondemos à chamada, todos os que lá nos encontrávamos. Porque a isso nos sentimos movidos em consciência. Não é um dever social. São pequenos gestos de Amor, ínfimos enxertos na melodia do Amor Divino, diálogo da criatura com o Criador.

***Fazei-vos ao largo.
Ide e pregai a Boa Nova.***

Por isso fomos. Não é por acaso que nesta, e noutras Formações, a temática do Amor tenha sido a mais abordada.

Não é possível Amar sem conhecer. Já o Padre António Vieira dizia das condições para o Amor: conhecer-se a si mesmo, a quem amamos e o que é o Amor. Nas ENS é possível a entrega em Equipa, para crescer no amor e dar testemunho. Para isso há que conhecer a nossa casa. Conhecer-lhe

os cantos, como se movem os que lá moram e quais as dependências e regras de convivência, para atingirmos o que nos é proposto.

Foi o que sentimos ser o objectivo primeiro desta formação. Conhecer para amar. E quem ama sabe doar-se e entregar-se para Servir.

Desde os temas apresentados, “ENS Comunidades de Amor”, “Chamados ao Amor”, “Porque Ele nos Ama, Vamos”, “A Ligação, Teias de Amor”, este último apresentado pela Ana e pelo Vasco Varela, salientando a importância e o relevo que as Ligações têm no funcionamento do Movimento, até às encruzilhadas onde se debateram em grupos assuntos da vida do Movimento, passando pelas equipas mistas, a Oração, a Vigília, as Celebrações Eucarísticas, o Dever de Sentar, o Fórum... em tudo se sentiu a Alegria da entrega e de como o Espírito Santo nela actua, transformando a fragilidade humana. Ligada em Teias de Amor, numa Comunidade Viva em busca da Santidade, partindo de uma união abençoada por Deus e daí indo passo a passo, fazendo-se ao largo, pregando a Boa Nova de que o Amor é possível, porque habitou entre nós e nos mandou IR a toda a parte, para O anunciar.

Encontro de Formação I

PAULA E EURICO PALMA
TAVIRA 2

Foi no Algarve..., terra de sol e de mar... aconteceu na pequena e pacata vila de Ferragudo, à beira do rio Aráde, frente à cidade de Portimão, na Casa de Retiros da Diocese do Algarve. Chegámos na sexta-feira ... vindos de várias equipas desde Sintra, Santarém, Cascais, Madeira, Faro, Tavira, Évora. Chegámos ao encontro sem nos conhecermos...e, à medida que o retiro foi acontecendo, fomos abrindo à Palavra de Deus e aos outros. Foi tempo de reflexão, formação e encontro em casal e sobretudo tempo de paragem no reboiço do dia-a-dia que tão pouco tempo nos deixa para reflectir em casal e como casal. A formação foi acontecendo, o grupo foi-se consolidando e os diferentes casais foram-se abrindo ao amor de Deus.

Tempo de oração, tempo de aprofundamento e de discernimento na vida de casal e das equipas, valeu pelo espírito de grupo que se criou, pela simplicidade da equipa formadora e assistente espiritual que conosco esteve e procurou dar o seu melhor.

Para nós como casal foi importante... dez anos nas equipas e sentíamos que era preciso parar e olhar para nós, para os outros e sobretudo para Deus. Fazemos tantas "coisas": fami-



liarmente, socialmente, pastoralmente...e esquecemo-nos do mais importante, do encontro com o olhar de Deus sobre nós e na nossa vida de casal. Sentimos como casais que Cristo "passou" nesta formação, deixando um rasto de amor e esperança em cada um dos elementos do casal e passou... "pedindo-nos" para sermos casais cristãos no mundo de hoje, impelindo-nos a dar testemunho da sua mensagem.

Esta formação aconteceu também no momento certo das nossas vidas e também no momento litúrgico mais próximo do Natal, por isso foi também Advento, preparação do caminho para receber Jesus Cristo Salvador, Deus feito Menino.

A todos os que tornaram possível esta formação um bem-haja em Jesus Cristo, Senhor Deus de Amor.

REGIÃO NORTE
*Encontro
de Pilotagem*
Foi no dia de S. Martinho...

BEATRIZ E ALBINO, CASAL CORRESPONDENTE

É verdade, foi mesmo no dia 11 de Novembro de 2006 que a Região Norte promoveu um Encontro de Pilotagem que envolveu Casais Piloto, Conselheiros Espirituais das Equipas em pilotagem, casais R.I.P, casais Responsáveis de Sector e a Equipa de Animação de Encontros de Equipas Novas da Região.

O encontro realizou-se nas instalações do Seminário de Montariol em Braga, local muito aprazível e indicado para encontros desta natureza. Estiveram presentes 26 Casais e 1 Conselheiro Espiritual.



As actividades iniciaram-se à hora prevista, 10 horas, e após a oração de

abertura fez-se a apresentação dos casais. Depois foram apresentados os **objectivos do encontro**, trabalho efectuado pelo Casal Responsável Regional, Fernanda e António Felgueiras.

De seguida, o Casal Isabel e Francisco, responsável pela ECIP, falou da **Organização e pedagogia da pilotagem**. De um modo sintético e claro apresentou os fundamentos do Movimento e frisou bem a importância que os Sectores têm na expansão e bom funcionamento das Equipas. Depois abordou o **Esquema Geral da Pilotagem** salientando a importância da introdução dos Pontos Concretos de Esforço nas diversas reuniões.

Após o intervalo tivemos a intervenção do Conselheiro Espiritual, Padre António Silva Lima, que falou da **Pilotagem - Acto de Amor Exigente**, ajudando-nos a perceber um pouco melhor que a missão do Casal Piloto é muito importante no sentido da transmissão aos casais do «Amor exigente» que se deve viver no seio das ENS, citando Padre Caffarel:

*«A tua exigência sem amor, revolta-me;
O teu amor sem exigência, humilha-me.
O teu amor exigente dignifica-me».*

Pelas 13 horas serviu-se o almoço, onde não faltaram as respectivas

castanhas. Para recordação futura foi tirada a fotografia do grupo.



Após o almoço falou o Casal Coordenador da Equipa de Animação de Encontros de Equipas Novas, Isabel e Joaquim Lima, sobre o tema **Encontros das Equipas Novas – Conclusão da Pilotagem**.

Seguiu-se uma intervenção do Casal Responsável da Província Norte e Centro, Donzília e Felisberto Eira, que apresentou os **Temas de Estudo**

para Equipas Novas e falou também da preparação dos E.E.N. e das responsabilidades das diversas estruturas do Movimento.

Após esclarecedor debate, seguiu-se a **Eucaristia** que consideramos o ponto alto do Encontro, pois ali no altar depositámos todas as preocupações que nos levaram até aquele local, onde se respirava paz e alegria.



Relatório
sobre a
Sessão de Formação II
das ENS
realizada em Fátima

30 DE NOVEMBRO A 3 DE DEZEMBRO DE 2006

JOAQUINA E ALBERTO, CASAL COORDENADOR

INTRODUÇÃO

A Região de Angola esteve presente com os seguintes peregrinos: o Casal Cabama - Equipa Luanda 39, que coordenou esta acção, o Casal Conde - Equipa Cabinda I e o Padre José Scolari - Conselheiro Espiritual do Sector Luanda C.

VIAGEM LUANDA-LISBOA

Partida de Luanda no dia 23.11.06, às 12h com chegada em Lisboa às 19:30h do mesmo dia.

ACOLHIMENTO EM LISBOA

Fomos recebidos no Aeroporto de Lisboa pelo Casal Lai e Fernandes Marques, Casal Representante das ENS de África, que nos conduziu ao local de acolhimento, na Casa de Retiros do Bom Pastor na Buraca.

Dias depois, isto é, no Domingo à tarde, dia 26.11.06, visitou-nos o Sr. Fernando Marques para conversar connosco e combinar a data e hora da partida para a Formação no Santuário de Fátima.

VIAGEM PARA FÁTIMA

Partimos da Buraca no dia 30.11.06 às 18h, passando pelo aeroporto ao encontro dos Irmãos equipistas da Madeira e Açores, formando com eles a caravana com o objectivo comum. Chegámos a Fátima às 21h.

ACTIVIDADES EM FÁTIMA

A sessão de Formação II em Fátima teve como o Lema: "AMAI-VOS COMO EU VOS AMEI"

Eis o quadro das actividades desenvolvidas ao longo dos quatro dias consecutivos:

Dia 30 de Novembro - Quinta-feira	Dia 1 de Dezembro - Sexta-feira	Dia 2 de Dezembro - Sábado	Dia 3 de Dezembro - Domingo
Reunidos em nome de Cristo	Em Equipa	Em Movimento	No Mundo
	"Amá-nos uns aos outros"	"Como Eu vos amo!"	"Porque Ele nos amou"
20:30 - Jantar	8:30 - Pequeno-almoço	8:30 - Pequeno-almoço	8:30 - Pequeno-almoço
22:00 - Boas vindas e Apresentação	9:00 - Oração	9:00 - Oração	9:00 - Oração
22:45 - Celebração de Abertura	9:30 - Apresentação do programa e dos objectivos	9:30 - A Ligação, Teias de Amor	9:30 - Porque Ele nos ama, vamos
23:30 - Oração Conjugial	10:00 - Tema 1: ENS-Comunidade de Amor	10:30 - Pausa (café)	10:00 - Fórum
	10:45 - Pausa (café)	11:00 - 2.ª Reunião de Equipa	11:30 - Pausa (café)
	11:00 - 1.ª Reunião de Equipa		12:00 - Celebração Eucarística
	13:00 - Almoço	13:00 - Almoço	13:00 - Almoço
14:30 - Acolhimento	14:30 - O Sector- Uma Comunidade de Equipas	14:30 - 2.ª Encruzinhada- O Sector	16:00 - Regresso a Lisboa (Barraca)
	15:30 - 1.ª Encruzinhada- O Sector	16:30 - Chamadas a um Amor Maior	
	17:15 - Pausa (café)	17:15 - Pausa (café)	
	17:45 - O Movimento das ENS- Ao Serviço do Amor	17:30 - Dever de se Sentar (Capelinhá)	
	19:00 - Celebração Eucarística	19:00 - Celebração Eucarística	
	20:30 - Jantar	20:30 - Jantar	
	21:30 - Noite de Oração	21:30 - Noite de Convívio	
	23:00 - Vigília	23:30 - Oração Conjugial	

ENCONTROS

Tivemos dois encontros com o Casal Lai e Fernando Marques (Casal Provincial) e Representante das ENS de África. O 1.º encontro foi após a nossa chegada a Lisboa, na Buraca, onde recebemos as orientações da viagem para Fátima, local da formação. Neste mesmo encontro fizemos a entrega da carta do Casal João Baptista (RRA) relacionada com a solicitação de algum material didáctico para a Região de Angola. O 2.º encontro foi antes do nosso regresso para Angola. Neste, fizeram-nos a entrega do material didáctico solicitado pela região. Neste mesmo encontro estiveram presentes: o Responsável das EJNS de Portugal e o casal acompanhante destas Equipas. Com eles tivemos uma conversa amena, relacionado com Equipas Jovens de Nossa Senhora, a sua propagação em Angola. Fizeram-nos a entrega de algum material didáctico que passámos à Região.

APOIO E CONDUTA ESPIRITUAL

Verificou-se uma grande devoção da parte de todos os equipistas, a qual foi correspondida por uma grande entrega do Sacerdote e Conselheiro Espiritual, o qual tudo fez para assegurar o amadurecimento espiritual dos equipistas.

VISITA AOSANTUÁRIO DE FÁTIMA

Apesar do tempo ter sido curto, tendo em conta o programa das actividades desenvolvidas, o grupo foi

aproveitando os intervalos de café; numa correria fomos visitando o Santuário e com ajuda do nosso Sacerdote e Conselheiro Espiritual, foram-nos mostrados de forma faseada os monumentos e sítios mais significativos.

ENCONTRO COM O CASAL RESPONSÁVEL DA SUPRA-REGIÃO

Após o termo das actividades em Fátima, tivemos um breve encontro com o Casal Ana e Vasco Varela (RSR), onde o Responsável mostrou a sua satisfação pela nossa participação activa nas actividades desenvolvidas e, em gesto de agradecimento, ofereceu a cada casal um conjunto de material didáctico para o desenvolvimento dos nossos trabalhos em Angola e alguns quadros com o retrato da grande família cristã das ENS, para entregarmos a cada membro das nossas equipas de base (equipistas de Luanda - 39 e Cabinda -1).

REGRESSO A LISBOA

O regresso dos equipistas, quer de Angola quer da Madeira e Açores, para Lisboa realizou-se no período da tarde de Domingo, dia 3 de Dezembro, a partir das 16h, pelo mesmo itinerário, tendo-se chegado à Buraca - Lisboa, pelas 19h,

REGRESSO A LUANDA-ANGOLA

Partida de Lisboa no dia 06 12.06, às 23:30h, com a chegada a Luanda às 8h do dia 07 de Dezembro.

CONCLUSÕES

A participação na Sessão de Formação II das ENS em Fátima foi um momento impar de troca de experiência, entreajuda meditação, peregrinação, aprendizagem e oração.

Este momento permitiu perceber cada vez mais que a caminhada de espiritualidade do movimento em todo mundo tem a mesma linguagem, mesmos conceitos, semelhança nos métodos e acima de tudo, os problemas comuns que enfrentam os casais, equipas e sectores que encontram no movimento um caminho para a busca de solução em direcção à santidade, com a nossa Senhora à cabeça.

De um modo geral, a peregrinação apresenta um saldo positivo, atendendo aos objectivos que nos norteavam, a ideia de que íamos apenas para participar ou bebermos das experiências dos Irmãos Portugueses, visto que eles na sua maioria têm mais tempo no movimento das ENS, mas pelo contrário não servimos apenas como alunos mas também com os nossos talentos conseguimos desempenhar o papel de professor

com as nossas experiências e convivendo. Em suma, os temas apresentados quer nas reuniões das equipas como nas encruzilhadas foram discutidos ao mesmo nível.

A comitiva volta com o desafio de disseminar os ensinamentos adquiridos, isto é, dar de graça o que de graça recebemos.

O nosso agradecimento fica manifestado neste relatório aos Responsáveis da Supra-Região, ao casal Provincial (em Portugal), às irmãs da Casa de Retiros do Bom Pastor que nos proporcionaram uma recepção, acolhimento bastante confortável e calorosa, quer na Buraca como em Fátima.

Ao longo da nossa peregrinação tivemos como é óbvio, missas diárias, celebradas pelo nosso Conselheiro espiritual, o Cónego (na Buraca) e pelo Sr. Padre Castro (em Fátima). Por tudo isso damos graças e louvores ao Senhor Deus por todas estas maravilhas.

Que Nossa Mãe nos anime e nos conduza a seu amado filho Jesus!

Luanda, 11 de Dezembro de 2006.

ENS
em

S. Tomé e Príncipe

PADRE NUNO COELHO (LISBOA 149F, PAREDE 16 E PRÍNCIPE 2)



No passado mês de Janeiro tive a graça de voltar à ilha do Príncipe. Fui a acompanhar o Padre Daniel Henriques, pároco de Algés-Miraflores. Quando foi prior da Ramada criou uma geminação com esta paróquia e a da Conceição, no Príncipe. Um verdadeiro projecto de geminação, ao nível social, caritativo, espiritual, pessoal, pastoral...

Desta vez, levava também a missão de ajudar no nascimento das primeiras equipas da ilha. Não foi um gesto isolado nem imposto. O Padre Manuel, um missionário colombiano prior da única paróquia da região autónoma, cedo reconheceu que uma das prioridades pastorais tinha

de ser a família e o sacramento do matrimónio.

No dia em que chegámos, já estava programada a primeira reunião com o objectivo de formar as equipas possíveis. Contámos um bocadinho da história do Movimento, da importância do sacramento do matrimónio e da espiritualidade conjugal.

Clarificámos alguns aspectos gerais do funcionamento das equipas. No fim, todos se inscreveram e foram formadas as primeiras três equipas do Príncipe. Não havia tempo a perder, pois só estaríamos por lá quinze dias, por isso marcámos as primeiras duas reuniões de cada uma das equipas. Não consigo descrever “o



tanto” que aconteceu naqueles pequenos encontros: a experiência de vida, o acolhimento, a alegria, a abertura, a simplicidade, a amizade, a vontade de crescer e mudar, a confiança...

O Movimento das Equipas e a sua pedagogia serão, sem dúvida alguma, uma preciosíssima ajuda na mudança sustentada do valor e dignidade do sacramento do matrimónio, da importância da família e da formação cristã.

Regressámos com alento renovado para continuar esta obra. Se estávamos admirados com o que tinha acontecido na ilha do Príncipe, ao chegarmos a São Tomé, comprovámos o que se diz daquelas terras: tudo cresce rapidamente. O Padre

João Nazaré é o mais novo dos padres da diocese (foi ordenado em Agosto de 2006). Frequentou os seminários da diocese de Lisboa e pôde tomar contacto com a realidade das ENS em Portugal. Neste momento, é Conselheiro Espiritual de sete novas equipas em São Tomé. Para além destas, tomámos conhecimento que havia já duas equipas criadas por um casal do Algueirão também num projecto global de geminação entre esta paróquia de Sintra e a das Neves.

Jesus escolheu doze para começar o anúncio do Reino, desejo e quero comprometer-me para que estas doze equipas de São Tomé possam ser fermento de humanidade nova em Jesus Cristo.

Encontro de Equipas Novas no Funchal UM CASAL

Nessa freguesia, onde há mais de quatrocentos anos aportam milhares de madeirenses em devoção ao Senhor Bom Jesus, celebrizando uma das mais célebres romagens da Ilha, nessa “corte do Norte” que *Agustina Bessa Luís* tão bem caracterizou pela beleza de um verde que abrupta-

mente cai num mar revolto e de um azul forte eivado de branca espuma, nesse ponto extremo norte da Madeira onde a visão alcança uma costa traçada num cenário tranquilizador e convidativo à oração, realizámos o Encontro das Equipas Novas.



Vimos de coração disponível, algo ansiosos, rompendo pelos vales da Ilha numa manhã que se anunciava promissora desse dia de São Martinho. Não chegámos para “pagar promessas” ou assistir à procissão que o povo da Freguesia tão bem prepara. O nosso propósito era outro: os “casais piloto” tinham-nos dito que era a altura do compromisso, de reflectir sobre este novo passo que culminava a caminhada que durante as dez cartas foi sendo feita. Éramos quatro equipas novas, formadas no Funchal, no Caniço e em Santa Cruz; vinte e

um casais, alguns acompanhados dos filhos, que ali chegávamos, expectantes e convictos.

A vida de hoje enche-se de pequenas grandes coisas e deixa-nos a amarga sensação de perda de tantas outras coisas boas. Parar e exilarmo-nos do buliço e recolhermo-nos e num recinto preparado para a alegria de um Encontro de amigos, mas fundamentalmente para o Encontro com o Amigo, era um desafio.

Foi um bálsamo! Foi um belo fim-de-semana!



Cristo tem destas coisas! Usa a surpresa como pedagogia e enlaça-nos nessa sua missão de forma gratificante. O encontro revelou-nos parte desse Cristo desconhecido que a espiritualidade conjugal desenvolve. Ali entre o verde da montanha abrupta e o azul de um mar que invade a terra, fomos ouvindo e ouvindo-nos numa viagem ao interior de nós mesmos, deste casal que somos, da família que estamos constituindo todos os dias, do Movimento a que nos orgulhamos de pertencer, preparando-nos para um Mundo que nos lança apelos de testemunho e de alegria.

Ponta Delgada terminou na Eucaristia dos sins. De um Sim dito em plateia de cristãos dessa Igreja, assolada por tantas venturas, mas sempre casa de acolhimento. De um Sim idêntico ao de Maria, no regaço de quem depo-

sitamos as nossas esperanças. De um Sim pela crença neste Amor forte e aprazível que nos une e que toca a Deus.

Ponta Delgada foi porta aberta para um outro compromisso que excedeu a leitura de um texto, mas que se exprime no pulsar das nossas vidas que não mais sai das nossas cabeças e que impulsiona as mãos da nossa vontade. *Ponta Delgada* nem foi “ponta” porque foi partida, nem foi “delgada” porque foi escancarada ao Mundo de oportunidades que começamos a redescobrir.

Ponta Delgada do Senhor Bom Jesus, terra de petições e depósito de graças alcançadas. *Ponta Delgada* de dois dias de Novembro, numa romagem de vontades novas e enérgicas ao serviço do Amor.

GABI E JOAQUIM VILLAS-BOAS
(CORRESPONDENTES REGIONAIS)

Encontro do Advento das ENS da Região de Lisboa

As Equipas de Nossa Senhora da Região de Lisboa reuniram-se no dia 13 de Dezembro de 2006 para a sua reflexão habitual em tempo de Advento, abrindo, como sempre, as portas a quem quisesse participar.

O Convento dos Dominicanos, em Benfica, através do Frei Mateus,



Conselheiro Espiritual da Região de Lisboa, disponibilizou os seus espaços de modo a que, numa maneira harmoniosa, se pudesse conjugar a parte espiritual (leituras, reflexão, sacramento da reconciliação com sete sacerdotes – seis da casa e um da Ordem do Carmo) e a vertente do convívio. Após a celebração, na capela, de estilo moderno e sóbrio convidando ao recolhimento as cerca de 150 pessoas que participaram, os casais foram encaminhados para uma sala onde foi servida uma pequena e animada ceia natalícia, à qual não faltou o tradicional Bolo-Rei.

Ligação à Diocese de Lisboa

No dia 20 de Dezembro de 2006, o casal de ligação das ENS à Diocese de Lisboa, Gabriela e Joaquim Villas-Boas, foram apresentar-se ao Sr. Bispo Auxiliar de Lisboa, D. Tomaz Pedro Barbosa Silva Nunes e desejaram-lhe as Boas Festas.

Na troca de impressões havida, para melhor conhecimento mútuo desta nova função na estrutura do Movimento, aproveitaram para dar a conhecer os objectivos e actividades do Movimento para este ano Pastoral de 2006-2007 e esclarecer sobre a estrutura territorial das ENS em Portugal, na generalidade não coincidente com a das Dioceses. Curio-

samente, a Diocese de Lisboa cobre integralmente mais de 3 regiões das ENS, mas, pelo país fora, há situações de Regiões que coincidem e outras que cobrem mais do que uma diocese.





A Carta

MARIA DO ROSÁRIO E ALBERTO GUEDES
GUIMARÃES 5

carta pessoal ou com um assunto que interesse a várias pessoas ou entidades.

A carta pode ser ainda um documento passado por alguma entidade e que se destina a provar ou abonar que o seu titular possui determinada qualidade ou aptidão, por exemplo a carta de condução.

Uma carta é isto e muito mais.

Pode até ser sinónimo de constituição (dirigida a todos os cidadãos de um país).

Uma carta é uma missiva, uma mensagem que alguém envia a um destinatário pelo qual nutre um certo sentimento: amor, amizade.... Pode ser longa, muito longa ou mais curta. Um cartão, um postal ilustrado que se envia simplesmente como um *olá!* quando se está em viagem e se quer transmitir a alguém que, mesmo distantes, estamos próximos. Pode transformar-se mesmo num simples SMS de algumas palavras, de algumas letras somente: ok, num simples sinal;).

Uma carta pode ser enviada a uma ou várias pessoas, se entre elas há algum laço que as una: pode ser uma

Nas ENS o que é a A CARTA?

É o documento fundador.

Quando o Padre Caffarel (primeiro conselheiro espiritual) sentiu que o Movimento estava a precisar de uma regra que o tornasse mais exigente, escreveu um documento com as orientações que todas deviam seguir. Era o documento estruturante do Movimento. Surgiu em 1947 e chama-se CARTA DAS EQUIPAS DE NOSSA SENHORA ou, abreviadamente, A CARTA.

Era distribuída a todas as equipas durante a pilotagem; uma publicação muito simples em pequeno formato, como um caderninho de bolso.

Hoje está à disposição de todas as equipas, integrada numa publicação que se chama **Guia das Equipas de Nossa Senhora**. Lá encontramos todos os documentos orientadores das ENS.

Tal é a importância daquela primeira CARTA que o movimento deu o mesmo nome à publicação que recebemos de dois em dois meses. Tem o mesmo nome, a mesma mística e o mesmo objectivo: comunicar, enviar um abraço, dar orientações, manter o mesmo espírito, ligar, animar, criar unidade.

Quando recebemos uma carta (que não seja dessas cartas-publicidade que invadem a nossa caixa do correio) é com ansiedade, com curiosidade, com interesse que vamos abrir e ver as notícias que nos traz.

Cada número desta revistazinha é verdadeiramente uma carta, várias cartas que nos são enviadas por alguém que se preocupa connosco, que está ao nosso serviço e nos procura ajudar na nossa vida conjugal, no nosso aperfeiçoamento espiritual.

Senão vejamos:

O primeiro artigo (a primeira carta) é-nos enviada pelo casal supra-regional, o casal que é responsável pela supra região de Portugal.

O segundo artigo é a palavra do conselheiro espiritual da Supra-Região.

Normalmente aparece a seguir o Correio da ERI (Equipa Responsável Internacional): é a carta de um dos casais da equipa responsável inter-

nacional para todos os casais do mundo e a carta do conselheiro espiritual da ERI.

Às vezes no início aparece um EDITORIAL. É uma pequena “carta” onde algum casal da equipa Supra-Regional, ou alguém a seu pedido, emite uma opinião importante sobre as orientações do movimento ou adianta, em resumo, os temas que vão ser desenvolvidos na revista. São cartas de pessoas que, aquando dos encontros nacionais (ou internacionais) gostamos de conhecer, de rever, de ouvir porque sabemos que têm algo importante a dizer-nos. Apesar de só as vermos de longe em longe, sentimo-las muito perto de nós.

Todas estas cartas nos são *dirigidas a nós* que formamos o casal.

São, portanto cartas para ser lidas. Lidas e saboreadas. Lidas e comentadas.

Individualmente, em casal ou em equipa. Numa reunião de café ou simplesmente no encontro de dois ou três casais.

Para serem lidas ao longo dos dois meses e, depois, quando quisermos.

O velho hábito de *ler uma carta em voz alta* está de novo na moda. Já não porque o destinatário não sabe ler, mas porque a palavra dita e ouvida tem outra magia. É uma palavra reinventada, recriada, explicada pela entoação que o leitor lhe dá.

Ao ser lida, a palavra adquire novas luzes, um novo encantamento.



Por isso é que até mesmo na televisão, por exemplo, na Antena 1, há uns meses atrás, logo a seguir ao telejornal, era apresentado um poema *lido*. Por isso é que nas bibliotecas, nas tertúlias e noutras instituições se organizam encontros de leitura de contos, poemas ou outros textos.

A leitura em voz alta está na moda!

Vale a pena, nestes pequenos encontros de casais das equipas, dedicar algum tempo a ler ou reler um texto da carta: aquele que achamos mais interessante e cuja mensagem mais nos tocou, que queremos comentar com os nossos amigos, aquele que nos pareceu difícil e queremos que os outros nos ajudem a perceber melhor.

Estes textos podem também ser lidos e comentados com os nossos filhos, com outras pessoas, mesmo que não pertençam às Equipas!

Temos de dar a esta Carta a verdadeira grande importância que ela tem:

Abri-la logo que nos chega às mãos. Folheá-la na primeira oportunidade e ler, começando por aquilo que nos parece mais atractivo.

A primeira leitura pode ser apenas ver as fotografias, passar os olhos pelo índice, parar num ou outro parágrafo, fixar um ou outro título.

Importa continuar: tê-la à mão, ir fazendo uma leitura mais profunda. Ler, reflectir, comentar com os amigos.

Seria uma indelicadeza não abrir uma carta que nos é dirigida, a nós, e que foi escrita com muito amor, com muito enlevo, com muito sentido de partilha, com muita vontade de ajudar.

Vamos abrir-nos a esta ajuda. Vamos ler a CARTA.

PRECISAM-SE

Casais (ou só um elemento) que se desloquem a **Angola** e/ou **Moçambique** e se disponibilizem a ser **portadores** de documentos para os equipistas locais (cartas, temas, manuais, ...).

Quem se sentir habilitado a esta tarefa muito agradecemos que envie os seus contactos para o Secretariado (21 842 93 40 ou ens@ens.pt). Bem hajam.



Acção de Graças

CASAL BAPTISTA, LINDA-A-VELHA 1

A Acção de Graças é o acto de agradecer, de agradecer alguma coisa a alguém.

Muito obrigado, obrigado, um abraço ou um beijo, quantas vezes sem mais palavras dizem o que a voz não consegue traduzir, e libertam a purificação das nossas Essências.

Aprendemos com a nossa equipa de Linda-a-Velha 1 uma coisa muito simples:

Quando, no pôr em comum das nossas vidas, um casal da equipa revela estar a passar por momentos mais difíceis, alguém nos questiona:

“Vocês já disseram hoje à vossa esposa ou ao vosso marido, que a amam ou o amam?”

Ao longo de 25 anos de equipa ouvimos tanto este conselho, e tantas vezes por ele passámos a correr!...

Mas na reunião seguinte, se se sentir a necessidade, alguém de novo nos questionará.

Já agora: hoje, já disseram à vossa esposa ou ao vosso marido que a amam ou o amam? **NÃO???** E que esperam para o fazer?

Assim, como os ventos nos jardins ajudam no florescer das flores, tam-

bém o casal piloto despertou para nós casal e para a equipa, a sede de melhor conhecer este movimento e dele extrair todos os ensinamentos de vida que nos propõe.

* ORAÇÃO PESSOAL

Bom dia Maria,
Neste dia a nascer!
P’ra toda a nossa família,
Paz, saúde, bem querer!

* PALAVRA DE DEUS

Na leitura da palavra
Te agradeço Senhor!
Pela fé, pelo Sacrário,
P’lo teu infinito amor.

* ORAÇÃO CONJUGAL

Rezar sozinho é bom,
Mas a dois é bem melhor!
Dizer com simplicidade:
Glória a Vós, Mãe do meu Senhor!

* O DEVER DE SENTAR

Quando diante um do outro,
Com ternura no olhar,
Abrimos a nossa alma
No Dever de Sentar!

* A REGRA DE VIDA

Sem nunca ser penitência,
Mas de forma bem sentida,
Impomos a nós mesmos
A nossa regra de vida!

* O RETIRO ANUAL

Um beijo ou um abraço,
Podem sempre traduzir:
Obrigado Mãe querida!
Que nos empurraste a vir!

Costuma dizer-se:

“Todos os dias são iguais se não formos emotivos!”

e também

“Sem harmonia não existe a paz!”

Vem isto a propósito para terminarmos esta Acção de Graças!

Agradecer é uma forma de nos emocionarmos!

É também uma busca incessante de harmonia nas nossas casas, e um caminho seguro para a paz.

A paz que desejamos para a nossa família, para o nosso coração e para o mundo.

Finalmente:

Para quem está de partida da chefia da Região ou dos Sectores, um enorme abraço de gratidão pelo esforço, dedicação e carinho que sempre colocaram em todas as acções que foram propostas.

Talvez não seja muito habitual, mas já que estamos na Acção de Graças e dar graças é agradecer, porque não fazê-lo numa enorme salva de palmas?

O escritor moçambicano Mia Couto, também licenciado em Medicina e Biologia, fez uma oração de sapiência, no dia 7 de Março, na abertura do ano lectivo do Instituto Superior de Ciências e Tecnologia de Moçambique.

Excertos desta oração foram publicados no “Courier Internacional” de 2 de Abril.

Destacamos... “Os Sete Sapatos Sujos”:

“Não podemos entrar na modernidade com o actual fardo de preconceitos. À porta da modernidade precisamos de nos descalçar. Eu contei Sete Sapatos Sujos que necessitamos de deixar na soleira da porta dos tempos novos. Haverá muitos. Mas eu tinha que escolher, e sete é um número mágico:

- Primeiro Sapato: a ideia de que os culpados são sempre os outros.
- Segundo Sapato: a ideia de que o sucesso não nasce do trabalho.
- Terceiro Sapato: o preconceito de que quem critica é um inimigo.
- Quarto Sapato: a ideia de que mudar as palavras muda a realidade.
- Quinto Sapato: a vergonha de ser pobre e o culto das aparências.
- Sexto Sapato: a passividade perante a injustiça.
- Sétimo Sapato: a ideia de que, para sermos modernos, temos de imitar os outros.”

Encontro de Conselheiros Espirituais

Região Cascais-Oeiras
CONFHIC 10-Fev-2007

O Acontecimento

Em torno do nosso pastor, sua eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, esteve reunida a equipa da Região, alargada a alguns casais de ligação e aos seus conselheiros espirituais, no passado dia 10 de Fevereiro, no CONFHIC em Linda-a-Pastora. Estavam presentes 16 casais da Região, a Gabi e o Joaquim Villas-Boas, o casal de Ligação à Diocese de Lisboa, e 16 Conselheiros Espirituais. O encontro teve início às 11 horas com a conferência do Sr. Cardeal; seguiu-se um tempo de debate conjunto, e terminou com um almoço de confraternização, às 13 horas.

Este encontro teve como objectivo reflectir sobre o papel dos Conselheiros Espirituais nas ENS e D. José deixou-nos um testemunho embebido de um misto de simplicidade e profundidade que a nenhum de nós deixou indiferente. Estamos seguramente mais ricos e fortalecidos para novos desafios nesta caminhada para o Senhor.

Dizia-nos logo de início que o facto de os sacerdotes acompanharem as equipas ao longo de tantos anos, muitos deles até chegarem a uma



idade avançada, demonstra bem a importância que este Movimento tem na Igreja. A adesão dos sacerdotes é por opção pessoal, pelo gosto pastoral, pelos casais e pelas equipas. Temos uma grande responsabilidade!

Para dar início a um debate deixou-nos algumas pistas de reflexão centralizadas na importância dos conselheiros espirituais nas ENS no exercício do seu ministério sacerdotal e, na vivência dos casais, no seio da pequena comunidade que se quer Igreja. "As ENS têm uma vocação: a sua vocação é ajudar os casais a santificarem-se. Mas têm também uma missão na Igreja. É necessário ter sempre presentes estes dois aspectos: vocação e missão." (Padre Caffarel, *O Carisma Fundador*, 1987). A presença de um sacerdote nas ENS manifesta-se na aliança dos dois sacramentos sacerdotais: o sacerdócio baptismal e o sacerdócio ministerial. As leis do amor são as mesmas.

Um Movimento de Leigos

As ENS são um movimento de leigos, casados e casais. A verdade fundamental do carisma do Movimento é comum à maioria dos cristãos: o serem casados e caminharem para a santidade através do Matrimónio.

Na sua fundação, em 1939, esta realidade era de difícil aceitação. O facto do Movimento ter a sua autonomia própria constituiu para a época uma inovação na Igreja, tratando-se dum movimento de leigos. A teologia subjacente à Acção Católica, por exemplo, contrapunha-se à originalidade do Movimento. Esta era considerada uma extensão da hierarquia da Igreja que delegava naquela algumas incumbências. O Concílio Vaticano II, viria mais tarde a reconhecer a autonomia dos leigos em toda a Igreja. O mesmo fez o Direito Canónico.

As ENS assumem-se assim na autonomia que os leigos têm em toda a Igreja, e por isso está presente o sacerdote no exercício pleno do seu ministério.

A Igreja, povo sacerdotal

A realidade juridico-teológica (leigos associados na condução dos objectivos a que se propõem) é nas ENS a convergência do sacerdócio entre o ministério sacerdotal e o matrimónio.

A prioridade da Igreja, povo sacerdotal é fazer convergir os vários graus do sacerdócio uns para os outros. Quando se fala na autonomia dos leigos não pode confundir-se

com autocracia, tem de ser sempre na convergência dos dons, na complementaridade dos carismas, na comunhão do sacerdócio baptismal com o sacerdócio através do qual Jesus Cristo faz de alguns, cabeça da Igreja.

A presença do sacerdote nas ENS é a expressão da convergência de duas formas de participação no sacerdócio de Jesus Cristo: o sacerdócio baptismal (sacerdócio comum dos fiéis) e o sacerdócio ministerial. Como nos recorda o Padre Caffarel, “esse dinamismo do começo, [é] a aliança do sacerdócio, que representa a Igreja, o pensamento da Igreja, com os casais que trazem as suas riquezas, as suas necessidades, os seus problemas, e a necessidade de diálogo”.

O Sacerdote nas ENS

O papel do sacerdote é fundacional nas ENS. o Padre Caffarel criou uma equipa como um grupo de casais e um sacerdote. Os sacerdotes são convidados pelas equipas e estes aceitam servir a Igreja através destes casais, não por determinação do Sr. Bispo ou da Conferência Episcopal. A sua escolha é livre. E não precisa de qualquer outra nomeação porque está já ao serviço da Igreja ao ser nomeado pelo Sr. Bispo para o exercício do ministério sacerdotal. A nomeação do sacerdote manifesta tudo o que ele inclui: a intuição de que as equipas não se afirmam pela sua diferença mas pela afirmação da Igreja num determinado momento e caminhada. Nas ENS o ministério do

sacerdócio é exercido em toda a sua amplitude sem nenhuma especificação concreta, ao contrário do que sucede noutros movimentos de Igreja. O sacerdote coloca também as equipas num horizonte que não é apenas o de um Movimento específico mas um Movimento de Igreja.

O Sacerdote é membro da Equipa?

O sacerdote é membro da equipa? **Sim, mas...** não é um casal; é o único que tem um ministério que os outros não têm; é um membro porque todos são membros da Igreja, em busca da santidade; tem uma diferenciação óbvia pelo ministério que exerce, aparecendo como uma interpelação para a equipa: vem em nome de Deus e da Igreja hierárquica.

Qual é a especificidade do Sacerdote neste Movimento? O celibato significa para os sacerdotes a sua forma de realização de uma vida de amor, no caminho da santidade. As graças próprias do sacerdote são o ministério sacerdotal e o celibato consagrado. Na equipa o sacerdote caminha para a santidade. Reconhece-se na sua especificidade e também na especificidade de cada um dos outros membros da equipa com ele percorrem o seu caminho da santidade.

Como podem os Conselheiros Espirituais ajudar os casais?

Como podem os Conselheiros Espirituais ajudar os casais? Podem e de-

vem ajudá-los a viver em comunhão. A equipa afirma-se mesmo que ainda não tenha consciência disso. Vive uma experiência de comunhão numa pequena comunidade. (*Familiaris Consortio*). As equipas não são um grupo de amigos mas são uma busca de experiência de Igreja em comunhão com os irmãos. A descoberta da Igreja não se faz sozinho...

As equipas não são uma comunidade de base qualquer, mas uma comunidade cuja base é o casal e a família. A inspiração espiritual e teológica de comunhão que este Mo-



vimento procura encontrá-la no sacerdócio baptismal e no matrimónio.

O movimento assume que o matrimónio é fonte de uma verdadeira comunhão eclesial, a partir do concreto da sua vivência. Esta certeza de fé é uma graça própria da santidade.

Os casais cristãos não são chamados à santidade apesar de serem casados mas no âmago da sua realidade de casados. É um dinamismo de Igreja em comunhão, em ordem à santidade.

O sacerdote deve tentar perceber a especificidade daqueles com quem está a caminhar. Deve exercer o seu ministério na plenitude do seu âmbito, através do exercício dos vários ministérios:

a) Ministério profético ou da Palavra

É ele que preside à oração, orienta-a, enriquece-a, fazendo-o em relação a cada um dos membros das equipa. Não deve nunca demitir-se desta função. Na discussão do tema deve valorizar positivamente a reflexão de cada casal, e sempre que necessário, corrigir algo no sentido de manter a fidelidade à doutrina da Igreja, com delicadeza e sempre com o objectivo de abrir caminhos novos. Deve ajudar sempre a equipa no concreto da Igreja de hoje, procurando introduzir as orientações recentes da Igreja.

b) Sacramentos

A equipa não é em si mesma uma comunidade eucarística habitual, mas pode participar toda num retiro onde se afirma como espaço eucarístico.

c) Caridade

O sacerdote é um amigo, um confidente da equipa. Participa nas alegrias e nas tristezas; a sua presença na família de cada casal deve ser potenciador da caridade como elemento central da caridade familiar.

E em jeito de conclusão...

A função do sacerdote não se esgota na equipa nem no casal, nem em cada um dos dois membros do casal... mas é também nestas realidades concretas que o seu ministério se assume de forma integral.

Os sacerdotes fazem parte integrante das equipas de casais das ENS. Nesse sentido devem conhecer e valorizar o carisma fundador do Movimento, o qual constitui para cada um dos seus membros, um ideal e um itinerário ao serviço da Igreja de Jesus Cristo.



Festa do Sector de Caldas da Rainha

REGIÃO RIBATEJO-OESTE

SANDRA E OCTÁVIO MARTINS, CALDAS 15

No passado dia 8 de Dezembro, dia da Imaculada Conceição de nossa Senhora, teve lugar, como habitualmente, no Centro Social e Paroquial das Caldas da Rainha, a festa do Sector de Caldas da Rainha das Equipas de Nossa Senhora.

Este ano tivemos a imensa satisfação de ter connosco o Senhor Bispo D. Manuel Clemente, que, estando ele também ligado a este Movimento de Espiritualidade Conjugal enquanto Conselheiro Espiritual de duas Equipas, veio falar-nos de uma característica essencial do Movimento: os "Pontos Concretos de Esforço – Caminho de Espiritualidade Conjugal".

Os Pontos Concretos de Esforço não são uma imposição, mas correspondem a um empenhamento, a um esforço de vontade que ajudam e orientam os esposos a desenvolver uma vida espiritual conjugal que os apro-

xime de Deus, um do outro e dos outros, pondo em prática, na sua vida quotidiana, os ensinamentos do Evangelho.

Estes Pontos Concretos de Esforço, que são seis, convidam os esposos a:

- Escutar regularmente "a Palavra de Deus";
- Encontrar-se todos os dias com o Senhor, numa prece silenciosa (a meditação);
- Rezar juntos, marido e mulher, todos os dias (oração conjugal), e, se possível, em família (oração familiar);
- Encontrar cada mês, um tempo para um verdadeiro diálogo conjugal (o dever de se sentar)
- Fixar para si esforços pessoais (regra de vida)
- Fazer todos os anos um retiro.

Depois de cada casal ter trabalhado em equipa estes pontos de aplicação



precisos e apresentadas as reflexões de cada equipa, o Senhor Bispo D. Manuel Clemente falou-nos um pouco de cada um destes aspectos, enquanto sugeria formas práticas e precisas de pôr em prática cada um deles, baseando-se na sua longa e enriquecedora experiência de acompanhamento deste Movimento.

D. Manuel Clemente apelou a que os Casais não deixassem de “Escutar” regularmente a Palavra de Deus e se ajudassem mutuamente a ir lembrando a mensagem do Evangelho ao longo da semana, de modo a que a vida do dia-a-dia seja uma vivência dessa mesma mensagem. Devemos, a exemplo de Maria, “guardar as palavras de Jesus no nosso coração”, sendo para isso necessário meditar a Palavra de Deus. É neste contexto que se apreende a importância da oração individual, enquanto momento privilegiado de intimidade com Deus.

Ao falar da oração conjugal e da oração familiar, o Senhor Bispo, realçou a importância de trazer para a oração a vida de cada dia e de habituar os filhos a esta convivência diária com Deus - porque a vida com Deus transmite-se! A oração começa em casa, local em que o exemplo é fundamental para o crescimento cristão, uma vez que ninguém escolhe o que não conhece! Uma família que reza unida permanece unida, porque constrói a sua casa sobre a rocha, que é Deus!

Na nossa vivência quotidiana, integrados numa sociedade cada vez mais exigente, em que ninguém es-

cuta ninguém, sobra-nos cada vez menos tempo para a família, para o diálogo – os casais vivem acorrentados por esta “incomunicação”, por isso assume tanta importância o dever de se sentar. (Ao falarmos estamos a arrumar as nossas ideias e isso ajuda a percebermo-nos; ao escutar o outro, conseguimos mais facilmente compreendê-lo – só assim é possível caminhar a dois!) Pelo menos uma vez por mês, há que encontrar um tempo e um espaço dedicados ao diálogo conjugal (com a consciência de que é sempre um diálogo a três, pois contamos sempre com a presença do Senhor, que nos fortalece). Este diálogo, que se quer sincero e profundo, exige que o casal se sente e “assente”, isto é, que esteja disposto à escuta. Ora, a escuta é uma coisa demorada, que exige muito treino e, portanto, tem de ser feita com tempo! E nós arranjamos sempre tempo para as coisas que nos interessam!

Uma vida sem objectivos é uma vida vazia e sem sentido. A regra de vida que se propõe a cada elemento das Equipas não é mais do que um objectivo, um esforço pessoal para a concretização de algo. O que D. Manuel Clemente nos propõe é aquilo a que chamou a pedagogia dos três “P”: poucos, pequenos e possíveis. A nossa vida será certamente mais rica e mais profícua se conseguirmos seguir este sábio conselho, porque o caminho faz-se passo a passo!

Numa sociedade que vive a um ritmo cada vez mais frenético, todos precisamos de parar e descansar de vez

em quando. Por isso, é habitual haver um período de férias em cada ano! Também os Cristãos necessitam de um tempo de paragem, precisam de retirar-se por dentro, espiritualmente. A vida de Cristão é a Vida de Cristo em nós e Cristo retirava-se muitas vezes – para rezar, para ir à Fonte, para estar no Pai! Cada um de nós precisa de se retirar e de se encontrar com Deus, porque só Ele é perfeito e nos pode dar a Paz Absoluta. O retiro ajuda-nos a pacificar o nosso coração em Deus e, quando alcançamos essa paz, somos melhores na nossa relação com os outros,

aprendemos a não exigir dos outros aquilo que eles não podem dar-nos, porque ninguém é perfeito – só Deus!

Esta festa, este encontro, terminou, como habitualmente, com a Celebração Eucarística. O Senhor Bispo D. Manuel Clemente lembrou o “Sim” de Maria e apelou a que, também nós Cristãos, digamos o nosso “Sim” a Deus e saibamos guardar a Sua Palavra nos nossos corações!

Que, com o exemplo de Maria, saibamos acolher Jesus que vai nascer e que sejamos verdadeiramente instrumento do Seu Amor!

“DEUS CRIOU TUDO O QUE EXISTE?”

Durante uma conferência com vários universitários, um professor da Universidade de Berlim desafiou seus alunos com esta pergunta: “Deus criou tudo o que existe?”.

Um aluno respondeu valentemente: “Sim, Ele criou...”

“Deus criou tudo?”, perguntou novamente o professor.

“Sim senhor”, respondeu o jovem.

O professor respondeu: “Se Deus criou tudo, então Deus fez o mal? Pois o mal existe, e, partindo do preceito de que nossas obras são um reflexo de nós mesmos, então Deus é mau?”.

O jovem ficou calado diante de tal resposta e o professor, feliz, regozijava-se por ter provado mais uma vez que a fé era um mito.

Outro estudante levantou a mão e disse: “Posso fazer uma pergunta, professor?”

“Claro”, foi a resposta do professor.

O jovem ficou de pé e perguntou: “Professor, o frio existe?”

“Que pergunta é essa? É claro que existe, ou por acaso você nunca sentiu frio?”

O rapaz respondeu: “De facto, senhor, o frio não existe. Segundo as leis da Física, o que consideramos frio, na realidade é a ausência de calor. Todo o corpo ou objecto é susceptível de estudo quando possui ou transmite energia; o calor é o que faz com que esse corpo tenha ou transmita energia. O zero absoluto é a ausência total e absoluta de calor, todos os corpos ficam inertes, incapazes de reagir, mas o frio não existe. Nós criamos essa definição para descrever como nos sentimos se não temos calor.

E a escuridão existe?”, continuou o estudante.

O professor respondeu: “Existe”.

O estudante respondeu: “Novamente comete um erro, senhor. A escuridão também não existe. A escuridão, na realidade, é a ausência de luz. A luz pode-se estudar, a escuridão não! Até existe o prisma de Nichols para decompor a luz branca nas várias cores de que é composta, com as suas diferentes longitudes de ondas. A escuridão não! Um simples raio de luz atravessa as trevas e ilumina a superfície onde termina o raio de luz. Como pode saber quão escuro está um espaço determinado? Com base na quantidade de luz presente nesse espaço, não é assim? Escuridão é uma definição que o homem desenvolveu para descrever o que acontece quando não há luz presente”.

Por último, o jovem perguntou ao professor:

“Senhor, o mal existe?”

O professor respondeu: “Claro que sim, é claro que existe. Como disse desde o começo, vemos estupro, crimes e violência no mundo todo, essas coisas são do mal”.

E o estudante respondeu:

“O mal não existe, senhor, pelo menos não existe por si mesmo. O mal é simplesmente a ausência do bem. É o mesmo dos casos anteriores:

o mal é uma definição que o homem criou para descrever a ausência de Deus.

Deus não criou o mal.

Não é como a fé ou como o amor, que existem como existem o calor e a luz.

O mal é o resultado da humanidade não ter Deus presente nos seus corações.

É como acontece com o frio quando não há calor, ou a escuridão quando não há luz”.

Por volta dos anos 1900, este jovem foi aplaudido de pé, e o professor apenas balançou a cabeça permanecendo calado...

Imediatamente o diretor dirigiu-se àquele jovem e perguntou qual era seu nome?

E ele respondeu: “ALBERT EINSTEIN”.

Encontro de Lourdes

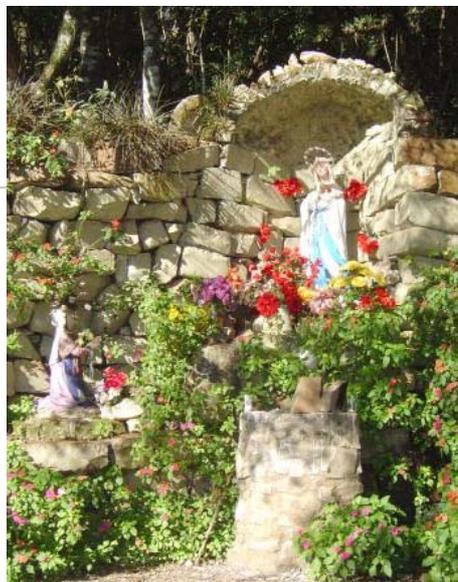
LUCINDA E VIRGÍLIO VELOZA
FUNCHAL 5, SECTOR A

Tivemos a alegria de participar no ENCONTRO INTERNACIONAL DE LOURDES de 16 a 21 de Setembro de 2006.

A nossa região preparou um programa complementar à nossa ida a LOURDES. A nossa viagem teve início no dia 12 de Setembro. Éramos um grupo de 23 casais, uma viúva e um Conselheiro Espiritual. Tínhamos connosco 2 casais da Região dos Açores e o seu Conselheiro Espiritual.

Embora tivéssemos aliados à nossa ida a LOURDES uma viagem de lazer, fizemos questão, todo o grupo, de animá-la da espiritualidade própria que esta viagem nos movia: o nosso encontro internacional em LOURDES. Por isso, desde o primeiro dia e por sugestão totalmente aceite por todos, do nosso Casal Regional (Odília e João Rodrigues), fizemos a nossa oração da manhã no autocarro, terminando o dia com a Oração do Terço do Rosário. Assim o clima de espiritualidade entre o grupo foi crescendo e consequentemente a nossa alegria.

Tivemos o cuidado de seguir o GUIA DE VIAGEM que foi tão bem preparado pela Organização de Portugal, a partir do dia que o mesmo sugeria.



Depois de uma viagem que nos permitiu apreciar num clima de grande alegria a bela natureza que nos ia rodeando, chegámos a LOURDES.

No acolhimento e à nossa chegada ao PONTO DE ENCONTRO, foi-nos dado o “material” para o nosso encontro. Já reinava entre nós aquele entusiasmo próprio destes grandes encontros das ENS.

E após o jantar o deslumbramento foi maior. Como foi lindo ver a “torrente humana” identificada por cores, devidamente equipadas com os seus cachecóis e os seus bancos portáteis a se dirigirem para a Basílica PIO XI.

E como foi linda a Celebração de abertura. Sentíamo-nos realmente pequeninos e o nosso coração estremeceu ao cântico JESUS TEU AMOR É A NOSSA ALEGRIA.

Foi um momento muito bonito e comovente, ao qual muitos outros se seguiriam como nos foi dado viver.

NO dia seguinte celebramos a EU-CARISTIA no PRADO. Momento maravilhoso, sentíamos-nos irmãos de tantos casais do Mundo Inteiro. Foi uma celebração muito bonita e que tocou bem dentro de todos nós. Não podemos esquecer a saudação final de Monsenhor Mário Russoto, que fazemos questão de repetir: "***Possam estes dias fazer nascer em vós a consciência, a responsabilidade e a alegria da vossa vida conjugal consagrada no Matrimónio...***"

Queremos realçar a vivência da VIA-SACRA como outro momento bastante forte. Lourdes realmente é um espaço bonito, e o caminho da via-sacra está tão bem identificado que "obriga-nos" mesmo a uma reflexão profunda sobre a doação total de Cristo à Humanidade. Foi mesmo um momento de grande interioridade.

O tempo do Dever de Se Sentar no prado foi outro momento inolvidável. Estar em casal reflectindo sobre a nossa vida a dois naquele Cantinho do Céu, com uma paisagem linda ao redor foi deveras um momento alto para o nosso casal e esperamos que para os que nos rodeavam. Era lindo ver os casais juntinhos, naquele Pra-

do verde a conversarem e a tomarem propósitos para o seu futuro.

As reuniões de Equipa também foram muito enriquecedoras. Permitiram vermos que outros casais, outras equipas também estão crescendo e fazendo crescer outros no nosso Movimento. E constamos que todos nós devemos a nossa felicidade e a nossa harmonia graças ao Movimento das ENS. Chegámos à conclusão de que teríamos de ser extremamente generosos com Deus, através dos nossos irmãos, pelas grandes graças e bênçãos recebidas na nossa vida de casal e família.

Por fim veio o dia da Despedida. A Eucaristia de Acção de Graças pelo Casal Roberty. Foi também um momento alto, pois é sempre comovente ver que os casais entregam a sua vida aos outros, com um desprendimento e generosidade muito grandes. E à saída recebemos uma carta da Equipa Responsável Internacional. Carta para todos nós; Para os equipistas do Mundo Inteiro. Convite a retomarmos a herança maravilhosa do Padre Henry Caffarel, ***a comprometermo-nos a viver os pontos concretos de esforço, a desenvolvermos as graças do nosso baptismo e a responsabilizarmos de darmos sem cessar Testemunho da Grandeza e da Beleza do AMOR HUMANO.***



ENS *no Santuário de Lourdes* 2006

DONZÍLIA E FELISBERTO EIRA,
CASAL RESPONSÁVEL DA PROVÍNCIA NORTE E CENTRO

Éramos muitos, cerca de 4000 casais. Irradiávamos alegria, ao mesmo tempo que deixávamos atrás de nós uma interrogação. (?)

Quem seriam aqueles, tantos pares, que circulavam pelas ruas de Lourdes, de mochila às costas, todas da mesma cor, deixando no ar um tom verde escuro onde se enquadravam bonitas silhuetas de um homem e uma mulher? Juntos, caminhando e descobrindo, ao longo do percurso que os levava ao Santuário da Virgem, outros casais que saudavam com amor fraternal e com eles seguiam o percurso até ao local onde viviam em conjunto uma mesma celebração espiritual? Que lindo!

Acredito que Maria olhou com a doçura do seu rosto Virginal para todos estes casais e a todos abençoou, acompanhando-os e tornando-se medianeira das preocupações, sofrimentos e necessidades que afectam a família, para, junto com o seu Filho, operar maravilhas através de nós, num mundo tão carenciado de valores do evangelho.

Tão grande graça só pode provir da oração em conjunto, do espírito de união e de partilha, onde a simplicidade, a transparência e a humildade de coração fazem com que todos nos

sintamos irmãos, porque unidos pelo mesmo vínculo filial do amor do Pai que a todos ama, sem limites e sem distinções.

Foi um encontro rico de vivência da fé, de conhecimento, de descoberta de nós mesmos e do nosso casal, de alegria pela descoberta de outros casais que se conheciam e outros que se passaram a conhecer, de partilha de experiências que são vivências práticas da vida e são momentos pedagógicos de enriquecimento de todos, sob o olhar protector de Maria. São graças que recebemos e que perderíamos se não pertencêssemos a este grande Movimento das ENS. É o único Movimento de espiritualidade conjugal, é uma grande riqueza para a vivência do sacramento do matrimónio.

Foram muitas as manifestações do amor de Deus para connosco: a presença de tantos casais, de tantos conselheiros espirituais, diáconos, tantos Bispos, a riqueza da liturgia, a beleza do coro litúrgico, que nos elevou e ajudou a dignificar as celebrações, a qualidade dos temas desenvolvidos que reflectiam uma riqueza, uma clareza que nos projectava para o amor com que Deus vê o nosso casal e a nossa presença no mundo, e ainda, a entrega de tantos, que de al-

ma e coração se ofereceram para o serviço atento, para que tudo se realizasse no tempo e em perfeita harmonia com as exigências de cada hora.

Foi um trabalho de dádiva que o Senhor acolheu e que virá a produzir frutos. Alguns desses frutos começaram a colher nesse santuário Mariano aos pés da Virgem peregrina, em tantos momentos. De salientar um, o momento do dever de se sentar feito na zona do prado e noutras zonas verdes que foram decoradas por pares, sentados um ao lado do outro ou de frente, ao mesmo nível, sob o céu imenso de luz, numa serenidade contagiante, revendo a sua vida, os seus sonhos, os seus projectos, as suas dificuldades e sucessos, tomando iniciativas para melhorar a sua relação e alimentar o seu amor, com a certeza de que Deus aceita o convite para estar com eles e, por isso, com Ele reforçarem as suas promessas de amor e fidelidade.

O Encontro terminou com o brilho próprio de quem por amor trabalha.

Foi bonita a apresentação do logótipo. E no final era patente a gratidão de todos para com a Equipa Internacional que desenvolveu todo este trabalho que foi o culminar de tantos anos (6) de entrega por amor ao Movimento. Sensibilizados também, demos graças pela nova Equipa que generosamente se entregou para nos conduzir mais 6 anos.

Rezemos a Deus por esta grande riqueza, que é a generosidade destes casais a quem muito é pedido, para que iluminados pelo Espírito de Deus que nos habita, possam ajudar este Movimento a estar presente e atento aos sinais dos tempos e às necessidades dos casais de hoje e assim, com a sabedoria que vem do alto, poderem continuar a obra com o mesmo Espírito que soprou aos quatro casais e ao nosso tão querido Padre Caffarel.

ORAÇÃO

OBRIGADO SENHOR:

Por termos sido escolhidos para as ENS.

Por termos dito sim ao teu amor.

Pelos amigos que preenchem a nossa vida e cada vez são mais.

Pelo trabalho que nos dás, que nos torna mais sensíveis e que nos permite consagrar mais tempo um ao outro e a Vós.

Por nos aceites como somos e assim poderes moldar um pouco as nossas muitas imperfeições.

Pela forma como nos ensinas a gozar a liberdade, quando somos capazes de nos despojar de nós mesmos para perdoar aos outros, as suas faltas.

Pela tomada de consciência dos nossos pecados, faltas de amor, que nos obrigam a recorrer ao teu perdão, que é manifestação da Tua grandeza.

Por este Encontro de Lourdes, pela riqueza, conforto espiritual e humano neste santuário de Tua Mãe e nossa padroeira que se fez medianeira presencial entre Deus e os Homens.

Fica connosco Senhor, faz-nos simples e humildes para te podermos levar àqueles que cruzam o nosso caminho.

Ajuda-nos a sermos tuas testemunhas, na alegria do nosso sacramento, para que outros se sintam motivados a seguir – Te através deste Movimento, escola de amor e de partilha com os outros.

O Sonho tornou-se Realidade

Janeiro 2007

CIDÁLIA E MANUEL DOMINGUES
CR ECIP

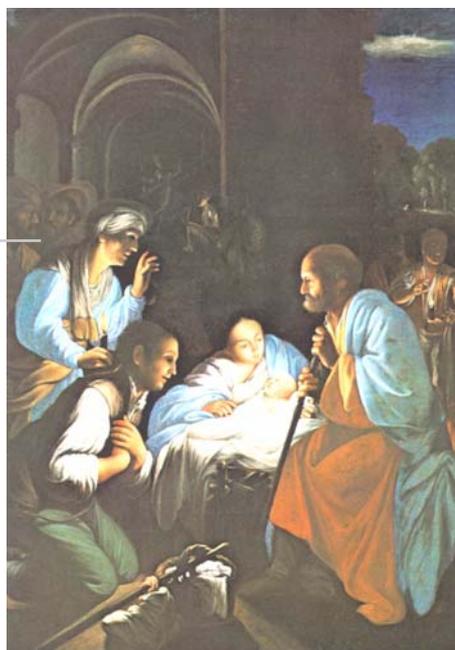
Na sua comunicação à Região no encontro de abertura, o casal Sónia e Manuel Martins, no seu último ano como responsáveis da Região Douro Sul e em jeito de despedida, sonharam festejar este NATAL com uma família muito especial, a das ENS.

Este Natal não seria apenas um dia de festa, mas uma celebração com jantar para todas as equipas e com o envolvimento de todos. Já tinha sido pedida uma fotografia actualizada a cada equipa. Seria a surpresa do encontro.

Com alguns receios, as propostas foram aceites com entusiasmo e curiosidade.

Junto à sua comunicação de Advento aos casais, o CR pedia às equipas que reflectissem sobre a vivência e o significado do NATAL nas suas vidas e sintetizassem essa reflexão numa palavra. Esta palavra seria escrita numa Estrela fornecida pelos Sectores e depois cada equipa teria que a levar para o encontro de NATAL.

Se bem o idealizaram melhor o cumpriram, com a ajuda imprescindível do Sr. Padre José Manuel — Conselheiro Espiritual da Equipa da Re-



gião — e de todos os casais Responsáveis dos Sectores: Vouga, Esmoriz, Gaia, Feira e ECIP.

No dia 6 de Janeiro, pelas 16 h deu-se início à grande festa que constou de acolhimento, Eucaristia, jantar e sa-rau.

Depois do acolhimento, dirigimo-nos para um grande salão onde havia um altar no topo e 4 filas de mesas que foram ocupadas por cada um dos 4 Sectores.

Com grande alegria o CR deu as boas-vindas e em jeito de testemunho explicou-nos a razão deste sonho e agradeceu a participação e empenho de todos.

Foi um encontro inesquecível onde as surpresas se sucediam. Foi uma

aposta bastante ousada, como nos dizia o Sr. Padre José Manuel, que também sonhou e concretizou numa celebração em moldes diferentes do habitual. Constatou de duas partes bem distintas: a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. No início da Liturgia Eucarística, enquanto se preparava a mesa do altar, simultaneamente, preparavam-se as mesas para a refeição.

O espírito foi o de todo o encontro (partilha, refeição, festa) estar integrado na Eucaristia e, por isso, a bênção final só foi dada no encerramento do evento. Foi uma celebração emocionante, bem pensada, bem organizada e com uma animação primorosa

No momento do Glória, muitas crianças (ANJOS) entraram na sala com sinos, com 5 MENINOS JESUS para as mesas e para o altar e outros subiram também ao altar levando as estrelas com as mensagens de todas as equipas que foram coladas num grande painel onde se lia: "REUNIDOS EM NOME DE CRISTO"

No ofertório solene, juntamente com um símbolo de Natal, o CR levou ao altar as fotos de todas as equipas e, pedindo o auxílio a Nossa Senhora, ofereceram e consagraram todas as equipas ali simbolizadas, juntamente com a sua responsabilidade.

Na Acção de Graças houve um momento muito interessante: A Sónia e o Martins pegam nas fotos do altar e entregam-nas aleatoriamente aos CRS, que, por sua vez, as entregam aos CRE. Essas fotos foram distribuídas à sorte, e cada equipa ficou com o dever de rezar e "cuidar" da equipa que lhe foi atribuída, segundo a sua imaginação e criatividade.

Depois do beijar do Menino e do jantar, houve a parte recreativa com um grupo folclórico da zona (Escapães) a cantar os Reis, uma equipa com doze filhos (Gaia 12) ainda pequenos que, ajudados pelos pais, cantaram e tocaram melodias de Natal, e outros cânticos, graças e anedotas contadas por quem tinha jeito ou se sentiu à vontade para o fazer.

No final, houve distribuição de prendinhas (um Anjo) a todos os presentes e guloseimas para as crianças. O nosso CR sempre nos mima com estas gracinhas. São uns anjos!

Resta-nos dizer que houve muita adesão. Pensamos que todas as equipas estavam representadas, e quem foi não mais esquecerá, porque foi muito bonito.

Um bem-haja a todos os que se empenharam na realização desta actividade e parabéns pelo êxito alcançado.

Encontro Nacional de Responsáveis 2007

LENA E JORGE FONTAÍNHAS

Apetece contar as coisas desde o princípio, antes de ter sido marcado na agenda o dia em que se deveria realizar o Encontro Nacional de Responsáveis, este que foi em 24 e 25 de Fevereiro, em Fátima.

Como se fosse contável. A necessidade dele pairando no ar, a ideia tomando forma na cabeça da Ana e do Vasco, a data conveniente comparecendo à chamada e guardada. A decisão tomada, o complicado é realizá-la. Pela equipa da Supra-Região passou um pequeno temor, um grande entusiasmo. Não é em nome de Deus que vamos trabalhar? Então qual é o problema, “mulheres e homens de pouca fé”?

As mulheres e os homens de não muita fé, entregaram-se aos bons ofícios do Senhor e começaram a trabalhar um ano bem medido antes da data prevista. Estabelecido um plano, tarefas definidas, as maiores dúvidas apresentadas e esclarecidas, foi o comando das operações entregue



à Donzília e ao Felisberto, Casal Provincial Norte e Centro, cujo quartel-general é em Viana do Castelo. E começou um não acabar de coisas para fazer.



O Casal Provincial Sul, a Rita e o Gastão, a Lai e o Fernando, Provincial África, juntaram as suas forças. As Reuniões sucediam-se. Reuniões parcelares com as diversas Equipas de Serviço (secretariado, comunicação) e a Equipa de Coordenação, “tomavam posse” do que lhes competia fazer. Multiplicavam-se as tarefas, multiplicavam-se os afazeres, intensificavam-se e prolongavam-se os momentos dedicados à oração. A Ana e o Vasco, de serviço permanente, de noite e de dia, sempre exigindo, sempre sorrindo, sempre animando, nada impondo, premiando qualquer pequenino esforço com um “muito bem” tantas vezes imerecido mas sempre estimulante. Eles corrigiam mas tão suavemente que ninguém dava por isso nem se afastava perigosamente do que fora combinado.

Havia regras exigentes, como convinha, mas com uma grande elasticidade. A fidelidade exigida era ao espírito da regra, não a letra. E assim ia-se crescendo (“em idade e sabedoria”) e o tempo a correr cada vez mais depressa. Os provinciais foram delegando nos seus Regionais que delegaram por sua vez nos seus Sectores que pediram ajuda às equipas.

Assim grande parte do país funcionava como uma grande equipa ou como uma grande família. Por detrás, o sr. Cónego Janela com o seu apurado sentido de humor.



Foi preciso escolher casais e sacerdotes para prepararem os temas, convidar casais e sacerdotes para apresentarem os seus testemunhos e todos sem tempos livres, como toda a gente. Reservarem-se hotéis, o auditório, arranjar as pastas, os documentos, o guião. Tratar do coro, da tradução do hino do Padre Caffarel, da animação da Eucaristia, da maneira mais agradável de sentar os casais, no auditório, por Equipas de Ligação. Coordenar as incrições, as que chegaram a tempo e as que vieram à última hora, e as desistências de último minuto. Da melhor maneira de evitar confusões no dia, perdas de tempo, de assegurar todo o



conforto possível e a informação a que tinham direito os casais que chegavam. E quem trata do som, das luzes e das projecções? E os “pins” e os “crachats” e o logotipo do peixinho quanto custa, quem o vai fazer, como vamos pendurá-lo. Os cartazes para a abertura do Encontro, mais um não acabar de pequenas coisas apostadas em lançar a confusão, em desregular o orçamento. O dinheiro das nossas quotizações a esticar, pouco dinheiro mesmo para modestos projectos, mesmo quando a prata da casa faz maravilhas. Mails e mais mails para lá e para cá, mails dos mails, anexos aos mails. Viagens da Donzília e do Felisberto a Lisboa, telefonemas a horas e a deshoras, tudo despesas que não entraram nas contas.

Quem disse que servir cansa? Talvez sim, quando não há amor. Mas quando há necessidade de amar há necessidade de servir e servir cria laços estreitos numa amizade redentora. Vivem-se sucessos e fracassos, olhar fito no Senhor. Momentos divertidos, a boa anedota, a grande gargalhada. Como é possível que tantos percam esta riqueza tão gratificante, apenas por recusarem serviço?

E o dia chegou. Mesmo que só se vejam as falhas ou pareça que as coisas caíram do céu aos trambolhões, a verdade é que um encontro como este leva muito tempo a preparar, constitui uma soma bem grande de trabalho generosamente assumido e um esforço hercúleo para quem é obrigado a trabalhar profissional noutro sítio.

Por isso, é uma satisfação enorme quando se olha para o auditório

Paulo VI e se vê 500 Casais Responsáveis atentos, manifestando a alegria do encontro, do convívio, da celebração da amizade e se é obrigado a reconhecer que a palavra “responsável”, nem está morta nem mudou de sentido para os membros do Movimento.

O que se passa agora é o medo de que alguma coisa corra mal. A cerimónia da abertura do Encontro, cujo tema era “Enviados por Cristo”, foi presidida pela Ana e pelo Vasco que fizeram uma pequena introdução explicando o que se ia seguir e acentuando que o essencial que nos ia reunir era Cristo. Foi feita uma apresentação do Encontro, lá estavam os cartazes no palco. Depois das palavras, sempre bem vindas e bem acolhidas, do Padre Janela, Conselheiro Espiritual da Supra-Região, foi feita a Oração da Manhã.

Feita a introdução ao primeiro Painel, de seu título “Escolhidos” e moderado pelo Padre Janela, o Padre José Lima apresentou o tema “Escolhidos e Enviados por Amor”. Projectou-se, depois, um filme com passagens de vários encontros, que documentava rapidamente um caminho já feito mas sempre a refazer. O casal Amélia e Belmiro Patrício, do Porto, a Gabi e o Joaquim Villas Boas, de Lisboa, e o sr. Padre Luis Inácio João, de Leiria, deram o seu testemunho pessoal sobre o recente Encontro de Lourdes, cujo filme foi apresentado de forma breve, a finalizar o Painel. Tudo bem organizado.

Depois do almoço, iniciámos o programa da tarde às 15 horas com o



Painel II, “Exigência”, moderado pela Rita e pelo Gastão que fizeram a introdução ao tema focando a Ligação no Movimento. Foi a vez, a seguir, do casal Graça e Bernardo Mira Delgado falarem sobre os 40 Anos da Carta, celebrados em 1987. Coube, depois, à Ana e ao Vasco revelarem a surpresa que nos tinha sido prometida: a projecção dum filme inédito sobre os 40 Anos da Carta, feito pelo Fernando Marques, como por ele foram feitos todos os extractos filmados apresentados no encontro. Foi um bom momento, recheado de recordações e premiado com aplausos.

Pegando no assunto comemorações da Carta, a Ana e o Vasco seguiram com a matéria, agora para falarem da celebração dos 60 anos, neste ano

de 2007, e também das Equipas de Ligação. O casal Margarida e João Paulo Mendes, de Coimbra, seguido do casal Leonor e Pedro Pereira dos Santos, de Lisboa, deram os seus testemunhos sobre esta questão. Findo o Painel, a Graciete e o Zé Rebelo fizeram uma quantidade de avisos, entre eles que o jantar, contra o costume, era às 19.30 h. Como o tempo é um bem escasso, foi-nos sugerido que o aproveitássemos fazendo uma reflexão em casal durante o percurso, trocando o Dever de Sentar pelo Dever de Andar. Fechou-se o dia com o terço na capelinha.

Muitos regressaram ao Paulo VI para prepararem o dia seguinte. Outros reuniram-se com a Supra-Região, no hotel, até bem depois da meia-noite.



O domingo dia 25, começou com a Eucaristia às 9.30 h, concelebrada por 10 Sacerdotes. Os cânticos foram dirigidos pelo casal Margarida e José Machado, da Póvoa do Varzim. Toda a Assembleia em recolhimento na presença do Senhor que mais uma vez vinha ao encontro de cada um de nós, celebrando a comunhão no amor. O dia começava em festa.

Finda a Missa seguiu-se o Painel III, “Missão”, moderado pela Donzília e pelo Felisberto. Os primeiros oradores foram a Tó e o Zé Moura Soares, agora prestando serviço na ERI, que falaram sobre Co-Responsabilidade, Colegialidade e Comunhão no Movimento. A seguir deram o seu testemunho de empenhamento na Igreja em actividades pastorais, paroquiais, o casal Ernesta e Mário Pereira, da Covilhã; o casal Guida e Luís Costa, de Lisboa, falaram sobre o seu intenso trabalho em obras de carácter social e o casal Dorinda e Alfredo Henriques, de Santa Maria da Feira, testemunharam o seu empenho em obras de carácter político e também social.

A cerimónia do Encerramento teve lugar pelas 12.30 h. Depois duma breve introdução, a Ana e o Vasco apresentaram o Balanço actualizado das actividades do Movimento desde o último Encontro Nacional de Responsáveis, em Novembro de 2005. A seguir apresentaram as Prioridades do Movimento para o período 2006-2012.

Os 4 casais que cessaram funções (Gabi e Joaquim, Milu e Luis, Luísa e Rui e Graziela e Zé David) fizeram a passagem de testemunho aos novos casais que os vão substituir (Rita e Pedro, Hélia e Rui, Maria José e António e Valentina e António respectivamente), perante toda a equipa da Supra-Região reunida no palco.

Novamente tomando a palavra, desta vez a última, a Ana e o Vasco deram por terminado este nosso memorável Encontro Nacional de Responsáveis. Embora memorável, memorável tenha sido tudo o que se viveu nos bastidores no último ano.

ENCONTRO NACIONAL DE RESPONSÁVEIS

Fátima, 24 e 25 de Fevereiro

“ENVIADOS POR CRISTO”

PROGRAMA

24.02.2007 – SÁBADO

09:00 h - Registo nos hotéis.

10:30 h – Cerimónia de Abertura.

Oração.

11:15 h – I Paineis - **Escolhidos:**

- Escolhidos e Enviados por Amor (Padre José Lima);
- Filme com passagem de diversos Encontros;
- Testemunhos do Encontro de Lourdes (3 testemunhos);
- Filme do Encontro de Lourdes.

13:00 h – Almoço.

15:00 h – II Paineis – **Exigência** (... é estreita a porta):

- 1987: 40 Anos da CARTA (Graça e Bernardo Mira Delgado);
- 2007: 60 Anos da CARTA (Ana e Vasco Varela);
- As Equipas de Ligação (2 testemunhos).

17:00 h – Reflexão em Casal (durante o percurso para os hotéis).

17:30 h – Reuniões de Equipas Mistas (nos hotéis).

20:00 h – Jantar.

21:00 h – Terço na Capelinha e Procissão de Velas (integrado na celebração do Santuário).

25.02.2007 – DOMINGO

08:30 h – Pequeno-almoço.

09:30 h – Eucaristia.

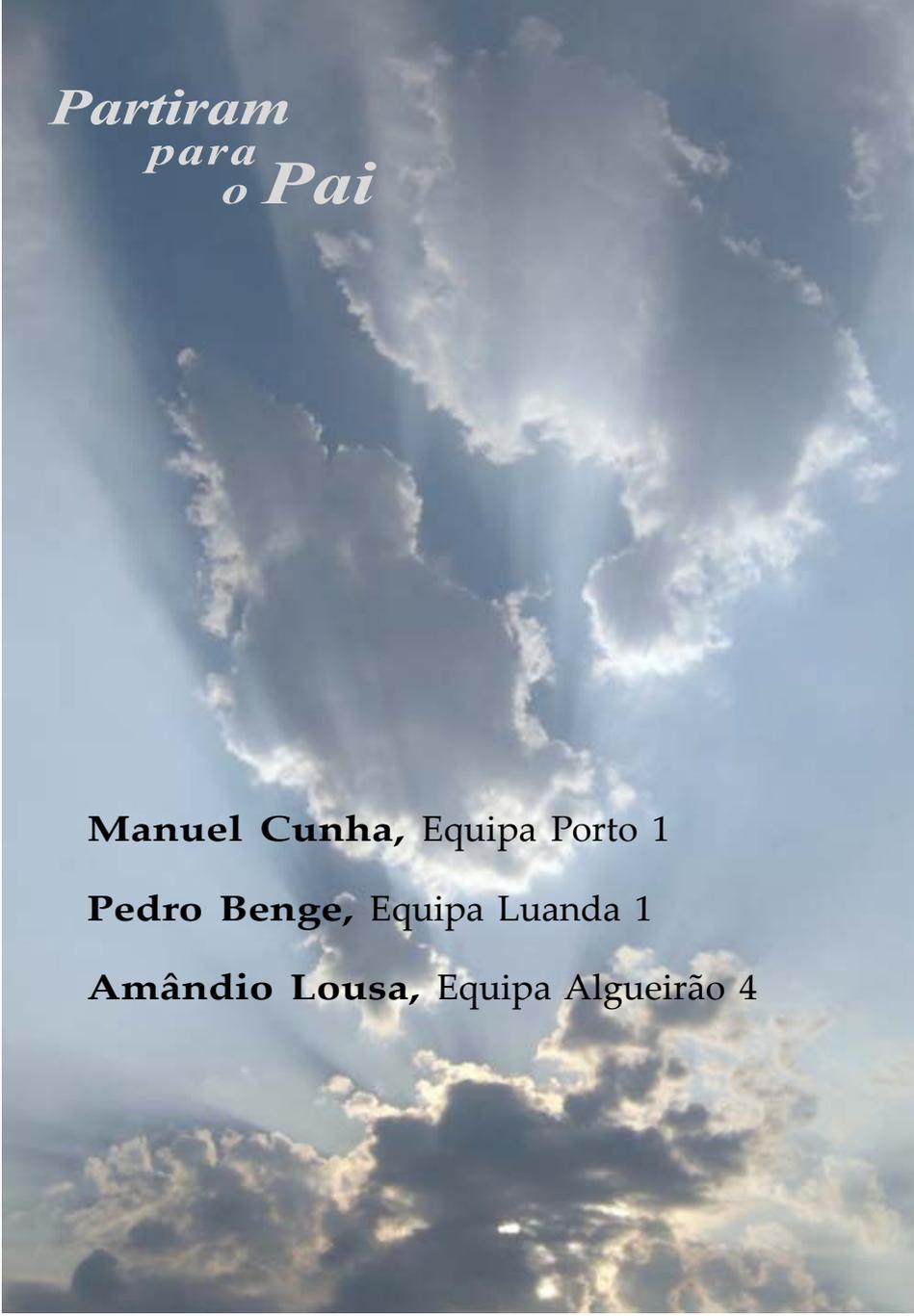
11:00 h – III Paineis - **Missão:**

- No Movimento
- Co-Responsabilidade, Colegialidade e Comunhão (Tó e Zé Moura Soares);
- Na Igreja
- Actividades pastorais, paroquiais ou outras (testemunhos);
- No Mundo
- Obras de carácter social ou político (testemunhos).

12:30 h – Encerramento.

Prioridades do Movimento (2006-2012) – Ana e Vasco Varela.
Passagens de Testemunho e Envio.

13:30 h – Almoço.



*Partiram
para
o Pai*

Manuel Cunha, Equipa Porto 1

Pedro Benge, Equipa Luanda 1

Amândio Lousa, Equipa Algueirão 4